



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS  
LETRAS - PORTUGUÊS

Rian Fabiano Venezia

**A variação pronominal entre *tu* e *você* na fala florianopolitana:** um estudo da mudança  
linguística em tempo real

Florianópolis

2025

Rian Fabiano Venezia

**A variação pronominal entre *tu* e *você* na fala florianopolitana: um estudo da mudança linguística em tempo real**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.a Dr.a Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

Florianópolis

2025

Venêzio, Rian Fabiano

A variação pronominal entre tu e você na fala  
florianopolitana : um estudo da mudança linguística em tempo  
real / Rian Fabiano Venêzio ; orientadora, Isabel de  
Oliveira e Silva Monguilhott, 2025.

84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua  
Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Sociolinguística. 3.  
Variação Linguística. I. Monguilhott, Isabel de Oliveira e  
Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

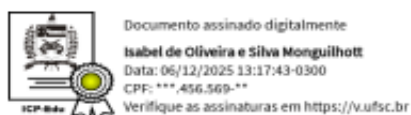


Rian Fabiano Venezio

**A variação pronominal entre *tu* e *você* na fala florianopolitana:** um estudo da mudança linguística em tempo real

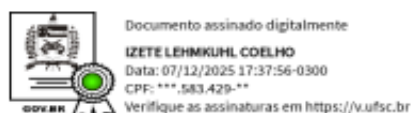
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Português e Literaturas Vernáculas.

Sala 208 do Bloco A do CCE da Universidade Federal de Santa Catarina.  
5 de dezembro de 2025.



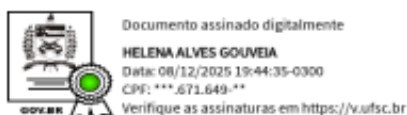
---

**Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**  
Presidente e orientadora



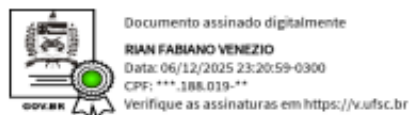
---

**Izete Lehmkuhl Coelho**  
Membro titular



---

**Helena Alves Gouveia**  
Membro titular



---

**Rian Fabiano Venezio**  
Acadêmico



Dedico este trabalho ao meu *eu* da pandemia, que, sob o peso das dúvidas alheias, tomou coragem para persistir em suas vontades taciturnas. Assim, um sonho que tentaram calar abriu caminho e tornou-se destino.

## AGRADECIMENTOS

Talvez eu não devesse admitir, mas a redação desta parte certamente foi a mais pensada de todo o trabalho. Durante sua elaboração, quando tudo parecia pesado demais, não foram poucas as vezes que parei de escrever a pesquisa para pensar no modo como eu agradeceria àqueles que me ajudaram a chegar até aqui. Ainda não consegui decidir se são de tristeza ou de felicidade as lágrimas que vêm aos olhos quando reflito sobre o fim do meu tempo de graduação, mas, neste período de tantas dúvidas, a maior segurança que tenho é a de que esse tempo só foi possível graças àqueles que sempre estiveram comigo, antes e depois do meu ingresso no curso de Letras-Português.

Assim, quero iniciar este momento agradecendo primeiramente aos meus pais, Fabiano e Rosemeri, por terem me apoiado emocional e financeiramente durante todo o meu percurso acadêmico na UFSC, que começou em 2019, quando eu ainda era discente do curso de Direito, e finaliza agora, final de 2025, momento em que já sou licenciado em Letras e anseio pelo meu título de Bacharel. Pai e mãe, mesmo eu tendo seguido um caminho que não era aquele que vocês planejaram para mim, espero um dia poder dar a vocês todo o orgulho pelo qual sempre aguardaram. Muito obrigado por tudo!

Em seguida, destino um agradecimento mais do que especial à minha melhor amiga, Isabel, que esteve comigo desde sempre, da infância à vida adulta, apoiando-me quanto aos meus sonhos e às minhas vontades. Obrigado, Bel, pela linda amizade que temos construído ao longo desses mais de 12 anos e por todo apoio que sempre me deste.

Gostaria, também, de agradecer especialmente:

À minha professora de Português do Ensino Fundamental II, Iára Porto Cardoso de Souza, que foi a responsável por me introduzir aos estudos linguísticos, por alimentar minha paixão pela sintaxe e por me incentivar a seguir carreira na educação. Lembro-me até hoje do dia em que te contei, no 9º ano, que gostaria de cursar Letras na faculdade, e ficaste tão feliz com minha escolha, e passaste a me dar vários conselhos sobre o que eu poderia fazer enquanto letrólogo; conselhos estes que abraço até hoje com muito carinho e que ainda me são muito úteis. Obrigado, Iára, por ter sido uma das responsáveis pela construção da minha *persona* enquanto linguista e professor. Serás eternamente minha fonte de inspiração.

Às minhas colegas de turma – Aimê, Lia, Manu e Mariana – que estão comigo desde o primeiro semestre e que hoje, com o término da graduação, passam do *status* de colegas para o de verdadeiras amigas. Obrigado, meninas, pela parceria que desenvolvemos e que nos auxiliou nos estudos para as provas, na realização das atividades e na elaboração dos intermináveis seminários que tivemos de apresentar. Obrigado por terem tornado minha graduação uma experiência mais leve e feliz. Sentirei falta das nossas risadas e piadas no intervalo, dos nossos momentos de descontração e das nossas idas e vindas pelo *campus*. Vocês serão para sempre minhas princesas.

À minha orientadora, Isabel Monguilhott, que me acompanha desde 2023, quando fui selecionado para ser bolsista de seu projeto na área da Sociolinguística Educacional. Obrigado, Isabel, por ter me acolhido ao longo deste tempo e por ter me aberto portas ao universo da sociolinguística, que com certeza é a área com a qual quero trabalhar durante minha carreira acadêmica na pós-graduação. Mesmo eu não tendo sido o orientando perfeito, espero que todo este momento pelo qual passamos juntos tenha sido muito produtivo e frutífero para ambos.

À banca de defesa desta pesquisa, composta pela Dra. Izete Coelho, Ma. Helena Gouveia e Ma. Juliana Flor. Obrigado por terem gentilmente aceitado o pedido de composição da banca.

Infelizmente, por uma questão de limitação, não foi possível incluir neste espaço todos os amigos e conhecidos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação profissional e acadêmica. Assim, para aqueles que injustamente não obtiveram menção aqui, deixo registrado meu muito obrigado.

*A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada.*

**Fernando Tarallo**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo da mudança linguística em tempo real a partir da variação entre os pronomes *tu* e *você* na fala urbana da cidade de Florianópolis, baseando-se teórico-metodologicamente na Teoria da Variação e Mudança Linguística. A pesquisa, para obtenção de seus resultados, coletou as ocorrências pronominais de segunda pessoa a partir das entrevistas cedidas por 12 informantes tanto na década de 1990 quanto no ano de 2025, que constituem as amostras vinculadas ao Projeto VARSUL, possibilitando um estudo de painel sobre o fenômeno selecionado e a revisão das análises já feitas em Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004) e Scherre *et al.* (2015) sobre a variação pronominal de segunda pessoa do singular em Florianópolis. Além disso, escolhemos seis variáveis independentes, duas linguísticas e três extralinguísticas – preenchimento, referência, sexo, idade, escolaridade e amostra –, que pudessem orientar a explicação da variação dos pronomes. Quanto à análise dos resultados, percebemos que o uso de *você* em 2025 cresceu em apenas 8% em relação à década de 1990, indicando que o *tu* continua sendo o principal pronome utilizado pelos florianopolitanos para se referir ao interlocutor. Para as variáveis linguísticas, nossos resultados corroboraram as hipóteses já apresentadas por Loregian-Penkak (2004): o *tu* ocorre com mais frequência na forma não preenchida do que o *você*; e o *você* ocorre mais frequentemente com referência genérica. Para as variáveis extralinguísticas, quanto ao sexo e à idade, nossa análise esteve de acordo com o previsto por Loregian-Penkak (2004): o *tu* é mais recorrente na fala das mulheres e o *você* passa a ser mais recorrente à medida que o falante envelhece. Mas, para a variável escolaridade, os dados indicam que o uso de *você* se torna mais recorrente na fala à medida que o falante aumenta seu grau de instrução, quando a hipótese da autora indicava o contrário. Na variável amostra, observamos que mais da metade dos informantes não utilizaram *você* durante as entrevistas, nem na década de 1990 e nem no ano de 2025. Apesar disso, a maioria destes, durante a autoavaliação realizada nas entrevistas, reconheceu usar o *você* em contextos específicos, por exemplo, quando eles estão diante de alguém com quem não têm muita intimidade ou em situações que exigem maior grau de formalidade discursiva.

**Palavras-chave:** Projeto VARSUL. Sociolinguística. *tu* e *você*. Mudança linguística.

## ABSTRACT

The present work aimed to implement a study of linguistic change in real time based on the variation between the pronouns *tu* and *você* in urban speech in Florianópolis City, based theoretically and methodologically on the Theory of Linguistic Variation and Change. The research, to obtain its results, collected second-person pronoun occurrences from interviews given by 12 informants in the 1990s and in 2025, which constitute a sample that belongs to the VARSUL Project, enabling a panel study about the phenomenon and the questioning of the analyzes already carried out in Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004) and Scherre *et al.* (2015) on the second-person singular pronominal variation in Florianópolis. Furthermore, we chose six independent variables, two linguistic and three extralinguistic – pronoun fill, reference, gender, age, education and sample – that could guide the explanation of the variation in pronouns. As to the analysis of the results, we noticed that the use of *você* in 2025 grew by just 8% compared to the 1990s, indicating that *tu* continues to be the main pronoun used by florianopolitans to refer to the interlocutor. For the linguistic variables, our results corroborated the hypotheses already presented by Loregian-Penkak (2004): *tu* occurs more frequently without completion than *você*; and *você* occurs most frequently with generic references. For extralinguistic variables, as to gender and age, our analysis was in line with what was predicted by Loregian-Penkak (2004): *tu* is more recurrent in women's speech and *você* becomes more recurrent as the speaker ages. However, for the education variable, the data indicate that the use of *você* becomes more recurrent in speech as the speaker improves his level of education, when the Loregian-Penkak hypothesis showed exactly the opposite. As to the sample variable, we observed that more than half of the informants did not use *você* in their speeches neither in the 1990s nor in the year 2025. Despite this, the majority of those informants, during the self-assessment carried out during the interviews, admitted using *você* in specific contexts, such as when they are in front of a person with whom they are not very close or in situations that require a greater degree of discursive formality.

**Keywords:** VARSUL Project. Sociolinguistics. *Tu* and *você*. Linguistic change.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informantes da Amostra Base da cidade de Florianópolis	31
Quadro 2 – Informantes da Amostra Jovens da cidade de Florianópolis	32
Quadro 3 – Informantes da Amostra 2025 da cidade de Florianópolis	44

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na década de 90 e em 2025	48
Tabela 2 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> agrupados categoricamente	48
Tabela 3 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> quanto ao seu preenchimento	49
Tabela 4 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> quanto à sua referência	50
Tabela 5 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> quanto à variável Sexo	52
Tabela 6 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> quanto à variável Idade	53
Tabela 7 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> quanto à variável Escolaridade	54
Tabela 8 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 1	56
Tabela 9 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 2	57
Tabela 10 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 3	58
Tabela 11 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 4	59
Tabela 12 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 5	60
Tabela 13 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 6	60
Tabela 14 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 7	61
Tabela 15 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 8	62
Tabela 16 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 9	63
Tabela 17 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 10	64
Tabela 18 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 11	64
Tabela 19 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na fala do Informante 12	65
Tabela 20 – Uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> nas Amostras de 1990 e 2025	66

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
GU	Gramática Universal
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta
P2	Pronome de segunda pessoa do singular
PB	Português Brasileiro
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SSA	Salvador
TVML	Teoria da Variação e Mudança Linguística
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
VARSUL	Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>19</b>
2.1	A Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML)	19
2.2	Problemas Empíricos da Sociolinguística	22
2.3	Mudança em tempo real e em tempo aparente	26
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>29</b>
3.1	As amostras do Banco de Dados VARSUL	29
3.2	As variáveis dependentes e independentes	33
3.2.1	Variáveis dependentes	34
3.2.1.1	A gramaticalização do <i>você</i> no Português	34
3.2.1.2	Panorama histórico da variação de <i>tu</i> e <i>você</i> na cidade de Florianópolis	36
3.2.2	Variáveis independentes	37
3.2.2.1	Preenchimento do sujeito	37
3.2.2.2	Referência genérica ou específica	39
3.2.2.3	Sexo/Gênero	41
3.2.2.4	Idade	42
3.2.2.5	Escolaridade	43
3.2.2.6	Amostra	44
3.3	Dados excluídos	46
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>48</b>
4.1	Análise da amostra de 2025	49
4.1.1	Preenchimento do pronome	49
4.1.2	Referência do pronome	50
4.1.3	Sexo	51
4.1.4	Idade	53
4.1.5	Escolaridade	54
4.2	Amostra	56
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>68</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>
<b>7</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>75</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 2024, a pesquisa “A variação entre os pronomes *tu* e *você* na variedade urbana de Florianópolis” tem sido desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob a orientação da Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, com objetivo de analisar de que forma se encontra o paradigma pronominal de segunda pessoa do singular na língua falada no espaço urbano da cidade de Florianópolis, e se esse paradigma corrobora os dados e resultados já apresentados anteriormente por Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004) e Venezio (2025).

A pesquisa foi proposta para investigar a mudança em tempo real deste fenômeno variável na comunidade de fala florianopolitana e em paralelo contribuir com o projeto de ampliação do banco de dados do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL)<sup>1</sup>, cujo objetivo geral é a descrição do português brasileiro falado e escrito nas cidades e regiões localizadas no Sul do País.

Entre os motivos que levaram à ampliação do banco de dados de fala do VARISUL está o fato de que o comportamento linguístico dos falantes varia e muda ao longo do tempo – conforme Labov (1994) – o que justifica a importância de se observar na fala dos informantes florianopolitanos uma possível mudança ou estabilização no período compreendido entre as décadas de 1990 e 2020.

Desse modo, a ampliação permitirá encontrar respostas a essa questão, revisitando fenômenos linguísticos em variação e/ou mudança com temas fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos, léxico-semânticos e discursivos. Ao comparar as amostras de fala, será possível captar mudança ou estabilidade no comportamento do indivíduo e da comunidade e reconhecer movimentos de mudança no curso de sua implementação (Monguilhott, 2024).

Além disso, a amostra visa a contribuir com o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística, à medida que trará um retrato atual dos usos linguísticos pela comunidade de fala florianopolitana, o que possibilitará ao professor ter acesso a material

---

<sup>1</sup> Há um projeto em rede em desenvolvimento, contemplado com recursos do Edital Universal CNPq/MCTI Nº 10/2023 (*Processo 406239/2023-1*), que envolve as agências do Projeto VARISUL (UFSC, UFRGS, PUC-RS, UTFPR) e visa a ampliação da Amostra Base VARISUL das capitais da Região Sul do país – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – constituída nos anos 1990 do século XX, com o intuito de realizar estudos de mudança em tempo real.

atualizado para uso em sala de aula, em especial, para o ensino de língua, considerando o aspecto da heterogeneidade linguística.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram analisadas entrevistas da Amostra Base e da Amostra Jovens, que compõem o banco de dados supracitado. Essas amostras funcionam como um repositório de entrevistas feitas pela equipe do projeto com pessoas nativas da área geográfica em que se fala a variedade de língua escolhida para estudo. As amostras citadas contam com 24 entrevistas cada, e, a partir da leitura destas, foram analisados diversos fenômenos de caráter fonético-fonológico, morfossintático, lexical e sintático que se manifestassem peculiares para a variedade florianopolitana de língua. A partir da observação de diferentes fenômenos, foi decidido que a pesquisa seria direcionada a um recorte específico de análise: a variação entre *tu* e *você* em Florianópolis.

Além dessas amostras, investigaremos o fenômeno na amostra recontato que está em processo de constituição por um grupo de pesquisadores vinculados ao Projeto VARSUL, do qual fazemos parte, na agência UFSC, eu e minha orientadora, além das Profas. Dras. Izete Lehmkuhl Coelho e Cecília Augusta Vieira Pinto e das Profas. Mas. Diane Dal Mago, Juliana Flor e Eveline Silveira.

A ampliação do banco de dados com a constituição desta nova amostra possibilitará realizarmos um estudo da variação pronominal de segunda pessoa do singular de mudança em tempo real a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Laboviana.

A proposta dessa nova amostra abrange dois tipos de estudos: de painel e de tendência (cf. Labov, 1994). No primeiro caso, pretende-se obter novas gravações com os mesmos entrevistados da Amostra Base das capitais de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, visando a verificar o comportamento linguístico desses indivíduos cuja fala havia sido documentada trinta anos atrás. No segundo caso, pretende-se proceder à constituição de uma nova amostra de fala das capitais, a partir de novas entrevistas com novos informantes, de acordo com os mesmos parâmetros estratificados da Amostra Base: etnia/colonização, sexo, faixa etária e escolaridade, visando a verificar o comportamento linguístico da comunidade florianopolitana.

Durante o PIBIC, deu-se preferência, em um primeiro momento, aos estudos de painel, que envolvem o recontato com os mesmos informantes da amostra antiga, já que o projeto VARSUL se encontra nesta etapa de coleta. Procedemos, então, a uma releitura atenta das

entrevistas coletadas na década de 1990 para que pudesse ser recolhido o máximo possível de informações pessoais que auxiliassem os envolvidos no projeto para localizar esses informantes. Em sequência, feita a coleta de informações pessoais dos informantes, a equipe se organizou para localizá-los em determinados pontos e endereços, como suposto local de trabalho, local de residência, local que costumava frequentar etc.

Localizados os informantes e realizadas novas entrevistas, foi feita uma comparação em termos de frequência a partir dos dados coletados referentes à segunda pessoa do singular nas novas e antigas entrevistas, e o resultado foi o de que o pronome *tu* permaneceu proeminente na fala urbana do florianopolitano (Venezio, 2025).

Nesta pesquisa, com a ampliação da amostra, reanalisaremos os dados, já que o estudo do PIBIC levou em consideração a análise de apenas quatro entrevistas, devido à pesquisa ter sido elaborada enquanto a ampliação do banco de dados estava no início de sua implementação. Considerando, então, que agora o banco conta com mais entrevistas de recontato coletadas do que à época da primeira conclusão, havendo, portanto, mais dados à disposição, pretende-se verificar se o pronome *tu* permanece com a mesma proeminência de ocorrência com os dados da década de 1990, verificada em Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), corroborada nos resultados da pesquisa PIBIC, ou se os informantes passaram, ao longo dessas três décadas, a apresentar mais variação com o uso do pronome *você*.

Diante do exposto, o presente trabalho se propõe a fazer uma investigação linguística a partir de quatro objetivos específicos: i) analisar as entrevistas de Florianópolis do banco de dados do VARSUL: Amostra Base, Amostra Jovens e Amostra Recontato; ii) investigar a frequência dos usos de *tu* e *você* nessas entrevistas; iii) analisar a influência das variáveis linguísticas e sociais na variação dos pronomes de segunda pessoa; iv) confirmar ou refutar a conclusão anteriormente apresentada no Relatório de Iniciação Científica sobre a proeminência do *tu* na fala manezinha, considerando as hipóteses e os resultados de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004) e os possíveis indícios de um processo de mudança em tempo real; v) analisar a avaliação dos informantes dos pronomes *tu* e *você* nas entrevistas de 2025.

Com o intuito de organizar a investigação proposta, a seção 2 tratará dos pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa, respaldando-nos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (conforme Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968] e Labov, 1994), assim como estudos que investigaram o fenômeno na comunidade de fala florianopolitana (Loregian, 1996; Loregian-Penkal, 2004; Coelho *et al.*, a sair). Na seção 3, apresentaremos os procedimentos

metodológicos e delimitaremos o objeto de estudo, as amostras investigadas e as variáveis linguísticas e extralinguísticas a serem consideradas na análise do fenômeno em variação. A seção 4 trata da análise e discussão dos resultados a partir da retomada das variáveis independentes selecionadas e das hipóteses já apresentadas. Por fim, as seções 5, 6 e 7 são destinadas, respectivamente, às considerações finais, às referências utilizadas para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho e aos anexos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentados os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, doravante TVML, que foi proposta e desenvolvida no século passado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), juntamente com os desdobramentos dos estudos de mudança linguística em tempo real de curta duração trazidos por Labov (1994). Adiante, será feita uma revisão bibliográfica de algumas pesquisas empíricas que se debruçaram sobre a variação entre os pronomes *tu* e *você* no Português Brasileiro (PB).

### 2.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML)

O século XX foi marcado por intensas discussões dentro do campo da linguística, fazendo emergir diferentes teorias que tentassem descrever e explicar os mais variados fenômenos presentes nas línguas naturais. O estabelecimento da linguística como um campo de estudo científico se concretizou a partir dos estudos de Saussure, que ficou conhecido como o pai da Linguística, com o *Curso de Linguística Geral*, que levou à fundação da escola estruturalista.

O Estruturalismo, segundo Camacho (2013), entendia a linguagem como um jogo de relações de oposição, ou seja, um sistema de signos em que cada elemento só tem valor em relação aos outros elementos. A partir dessa ideia, Saussure propôs um sistema de dicotomias que norteiam os estudos das línguas, como significado/significante, sincronia/diacronia, paradigma/sintagma e língua/fala. Este último mostra-se como o mais emblemático, pois foi o responsável pela instauração do paradigma formal na linguística. Dentro dessa dicotomia, Saussure argumentava que a língua representava sistema estrutural, coletivo e organizado de signos compartilhados pelos falantes, ao passo que a fala representava o uso individual dessa língua pelos falantes. Esta, por ser variável, momentânea, imprevisível e instável não deveria ser objeto de estudo da linguística.

Ainda segundo Camacho (2013), o paradigma formal saussuriano marcou tão intensamente os estudos linguísticos no século passado que foi replicado, inclusive, em teorias linguísticas como no Descritivismo norte-americano e no Gerativismo de Noam Chomsky. Foi a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento de abordagens com premissas para um enfoque social da linguagem a partir da noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada por forças externas ao sistema, que a Sociolinguística emerge como um

novo programa de estudo na ciência linguística (Coelho *et al.*, 2015).

Um dos marcos mais expressivos responsáveis pela ruptura da ideia de que as línguas deveriam ser descritas, representadas e explicadas por modelos e abordagens estritamente estruturais foi a publicação de *Fundamentos Empíricos para uma Teoria de Mudança Linguística*, de Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]). O livro foi resultado da realização de diversos encontros entre linguistas que discutiam questões relacionadas à Linguística Histórica que tinham como propósito dar novos rumos aos estudos linguísticos, que, até então, estavam sendo desenrolados sob a ótica das correntes teóricas em alta, como a neogramática, o estruturalismo e o gerativismo (Nunes de Souza, 2015).

Nunes de Souza (2015) explica que a obra se inicia com os autores questionando e contrapondo diversos pressupostos básicos dessas teorias, em especial os de concepção sobre língua como sistema homogêneo e sobre o idioleto. A partir desses questionamentos e dos apontamentos das contradições desses modelos linguísticos, WLH (2006, [1968]), na tentativa de construir uma nova base epistemológica para a ciência linguística, propõem que a língua é um sistema dotado de heterogeneidade ordenada, isto é, um sistema inerentemente articulado e variável, que possibilita explicar o fato de que é possível haver, em uma mesma comunidade de fala, diversas variedades linguísticas disponíveis para os falantes, que podem se alternar a depender do contexto social em questão e do tópico de conversa (Labov, 2008 [1972]). Para WLH, portanto, as teorias formais, embora tenham conseguido explorar muito bem o fato de que as línguas são sistemas estruturalmente ordenados, pecam por não levarem em consideração a língua em uso por falantes reais em uma comunidade de fala, o que tem dificultado analisar as línguas sob o ponto de vista da heterogeneidade ordenada; dizem os autores:

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. Veremos as sementes deste conflito em Saussure e seu agravamento nos trabalhos dos descritivistas, que se debatem com o fenômeno da mudança. Pois quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Em outras palavras, se pressões esmagadoras forçam uma língua à mudança e se a comunicação é menos eficiente neste íterim (como seria forçoso deduzir da teoria), por que tais ineficiências não têm sido observadas na prática? (WLH, 2006 [1968], p. 35)

A partir do que dizem os autores, e levando-se em conta que a ordenação é inerente à

língua falada, compreende-se que as variedades linguísticas são compostas por regras categóricas, aplicadas sempre do mesmo modo, e por regras variáveis, que são condicionadas por fatores linguísticos e sociais. Assim, atesta-se que a mudança linguística é um processo natural e inerente à interação linguística que não é abrupta e não prejudica nem compromete o funcionamento do sistema linguístico, podendo ocorrer nos mais diversos níveis gramaticais (fonético, morfológico, lexical, sintático, semântico etc).

Resumindo a ideia dos autores, pode-se dizer que a variação é um processo que consiste na presença de dois ou mais itens lexicais ou regras gramaticais que possuem o mesmo valor referencial dentro de uma determinada variedade de língua falada por uma determinada comunidade de fala. Como esses itens ou regras passam a ser equivalentes dentro do contexto comunicativo, surge uma propensão à mudança, que pode se completar quando o item ou regra nova é preferido pela comunidade que fala determinada variedade, fazendo com que o item ou regra anterior caia em desuso.

No entanto, nem sempre a concorrência entre itens e regras desencadeia uma mudança; por isso, WLH (2006 [1968]) afirmam que toda mudança linguística pressupõe variação, ainda que nem toda variação obrigatoriamente desencadeie uma mudança, já que nem sempre a forma nova substituirá a antiga: “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. (WLH 2006 [1968], p. 126)

Com a emergência de uma nova tendência nos estudos linguísticos, desenvolve-se uma leva terminológica à qual o pesquisador deve atentar e cujos conceitos foram explorados em Coelho *et al.* (2015), tais como:

**Variedade:** é um termo que se refere à fala característica de determinado grupo, ou seja, ao conjunto de formas linguísticas compartilhadas por esses grupos (equivalente aos termos *dialeto* e *falar* recorrentes no senso comum). Esses grupos podem ser localizados de acordo com critérios geográficos (de forma macro – como a variedade europeia e a brasileira do português, a variedade gaúcha, a variedade nordestina – ou de forma micro, como a variedade do manezinho); com critérios sociais (ex. variedade dos falantes mais escolarizados, variedade das gerações mais velhas, variedade dos advogados, variedade da comunidade LGBT) ou com critérios de estilo (variedade + formal ou + informal, variedade literária, variedade jornalística).

É possível também que uma variedade seja analisada a partir de diferentes critérios, como, por exemplo, na variedade dos pescadores de Florianópolis (critério geográfico e social juntos).

**Variedade Culta:** Embora, para o senso comum, haja uma equivalência entre os termos norma-padrão e norma culta, a Sociolinguística entende que a variedade culta da língua é aquela geralmente falada pelas camadas mais altas da pirâmide social, isto é, a população mais escolarizada, com melhores índices socioeconômicos e que reside em espaços urbanos. Mesmo assim, essa variedade não é homogênea, podendo estar sujeita a variações dentro do mesmo espaço urbano ou quando comparada ao *falar* culto de centros urbanos geograficamente distantes (ex. variedade culta paulistana e variedade culta porto-alegrense).

**Varição:** É, como já explorado nos parágrafos anteriores, o processo pelo qual diferentes formas linguísticas podem ocorrer no mesmo contexto e com o mesmo valor referencial/representacional. A Sociolinguística entende que esse processo é inerente a todas as línguas, e não compromete o seu funcionamento e a sua sistematicidade. Além disso, pode ocorrer em todos os níveis gramaticais.

**Variante:** São as formas alternativas que uma variável pode assumir. *Nós* e *a gente* são, por exemplo, variantes da primeira pessoa do plural.

**Variável:** É o lugar na gramática em que se encontra a variação. No caso de *tu* e *você*, a variável é o pronome P2.

Conforme já comentado, a variação é examinada nos diferentes níveis gramaticais e também na interface dos níveis. A partir dessa ideia, levamos em consideração que a variação entre os pronomes *tu* e *você* acontece na interface entre os níveis morfológico e sintático, em que as duas formas concorrem como variantes para a expressão da variável de segunda pessoa do singular, servindo para indicar tanto a pessoa à qual o emissor da mensagem se dirige, isto é, o receptor da mensagem, que está definido dentro do contexto conversacional, como um referente genérico, que não abarca nenhum interlocutor em específico, servindo o pronome apenas para auxiliar na sustentação de uma argumentação (Ramos e Lima, 2013).

## 2.2 Problemas empíricos da Sociolinguística

Segundo Coelho *et al.* (2012), um dos objetivos de WLH (2006, [1968]) é apresentar uma teoria de mudança linguística que permita explicar de que modo a estrutura linguística de

uma determinada comunidade de fala pode sofrer variações e, conseqüentemente, mudanças ao longo do tempo sem que a língua e a comunidade se tornem desordenadas. Portanto, como forma de estabelecer e sustentar essa teoria a partir de fundamentos empíricos, que servem como dados necessários para a confirmação de que as formas em variação estão descritas de forma ordenada na língua, isto é, a confirmação de que a heterogeneidade é sistemática (Coelho *et al.*, 2012), WLH (2006, [1968]) apresentam cinco problemas empíricos envolvendo a variação e mudança linguística – **restrição, encaixamento, transição, avaliação e implementação** – sendo cada um deles o centro das discussões que vêm a seguir.

O primeiro problema a ser explorado é o da **restrição**, também conhecido como problema dos **fatores condicionantes**, que versa sobre o estabelecimento dos princípios gerais de mudança com a averiguação das possíveis mudanças que podem ocorrer na estrutura de uma determinada variedade de língua a partir dos condicionantes externos e internos (Coelho *et al.*, 2012), explorando, também, quais são as condições e restrições necessárias para que esses processos aconteçam.

Embora a exploração de princípios gerais esteja no cerne do problema discutido, que levanta a dúvida de se há ou não compatibilidade da teoria da variação com a proposta da linguística formal envolvendo a busca por uma gramática universal (GU), não se deve ignorar que a língua está fixada dentro de um contexto e uma realidade sociais, indicando que tais princípios não são absolutos, mas um caminho para apontar certas tendências gerais que ocorrem na língua:

(...) é descobrir quaisquer restrições que possam atuar sobre a forma, direção ou o caráter estrutural das mudanças linguísticas. Essa definição do problema da restrição não é inconsistente com a procura de uma “gramática universal” que é hoje o eixo central da linguística formal. A extensão deste programa ao estudo da mudança linguística procuraria estabelecer um conjunto de princípios que definam o conceito de “mudança linguística possível” e que distingam as mudanças possíveis das impossíveis. No cerne desta abordagem universalista, está a ideia de que existem princípios abstratos de linguagem presentes em todos os seres humanos, que definem ou permitem certos tipos de mudança linguística e proíbem outros: por outras palavras, que existem algumas ações linguísticas possíveis que os seres humanos nunca realizam, uma vez que são incapazes de fazê-los, e que as mudanças que dependem de tais ações nunca vão ocorrer. (Labov, 1994, tradução minha)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> No original: is to discover whatever constraints may exist on the form, direction, or structural character of linguistic changes. This definition of the constraints problem is not inconsistent with the search for a “universal grammar” that is the central thrust of formal linguistics today. The extension of this program to the study of language change would seek to establish a set of principles that define the concept “possible linguistic change” and that distinguish possible from impossible changes. At the heart of this universalistic approach is the idea that there are abstract principles of language present in all human beings, which define or permit certain types of language change and prohibit others: in others words, that there are some possible linguistic actions that human

Para estudar a variação entre *tu* e *você*, levando-se em conta que o problema de restrição se propõe a lidar com mudanças possíveis ou impossíveis da língua, ou seja, com fatores internos, consideramos como condicionantes linguísticos o preenchimento do sujeito e o tipo de referência (se específica ou genérica).

O problema do **encaixamento** surge como ponto de discussão em complementação ao problema anterior, para que, segundo Labov (1994), a ideia de restrição não ficasse atrelada a uma ideia de faculdade da linguagem isolada. Esse problema, então, propõe que a mudança deve estar encaixada na estrutura linguística ou social (Coelho *et al.*, 2012), gerando dois subtipos de problemas, necessários para o controle do grupo de fatores em uma pesquisa sociolinguística: encaixamento linguístico e encaixamento social. Segundo Labov (1994), o encaixamento linguístico é relevante quando se percebe que qualquer mudança é encaixada na matriz estrutural de formas que são mais relacionadas a ela, fazendo com que a mudança se restrinja ou se acelere devido à sua relação com as demais formas. Por outro lado, a mudança é encaixada na estrutura da comunidade de fala, pois, para que se entendam as causas da mudança, é preciso localizar onde na estrutura social a mudança surgiu, de que modo ela se espalhou para outros grupos sociais e quais foram os grupos que apresentaram maior resistência ou “receptividade” à nova forma:

Em qualquer divisão em fatores internos e externos ou sociais, o aspecto bipartido do problema de incorporação tornar-se-á evidente. Por um lado, qualquer mudança está inserida na matriz estrutural das formas linguísticas que estão mais estreitamente relacionadas a ela, e a mudança será restringida, redirecionada ou acelerada devido à sua relação com outras formas. Nesse sentido, o problema de incorporação é um aspecto implícito do problema de restrição. Por outro lado, há uma mudança incorporada na estrutura da comunidade de fala. Para compreender as causas da mudança, é necessário saber onde se originou a mudança na estrutura social, como se espalhou para outros grupos sociais e quais grupos mostraram maior resistência a ela. Como a incorporação em estruturas maiores envolve inevitavelmente causalidade múltipla, a solução para qualquer problema de incorporação requer análise multivariada. (Labov, 1994, tradução minha)<sup>3</sup>

---

beings never perform, since they are incapable of doing so, and that changes that depend on such actions will never be found. (Labov, 1994)

<sup>3</sup> No original: In any division into internal and external or social factors, the bipartite aspect of the embedding problem will become evident. On the one hand, any given change is embedded in the structural matrix of linguistic forms that are most closely related to it, and the change will be restrained, redirected, or accelerated by its relation to other forms. In this sense, the embedding problem is an implicit aspect of the constraints problem. On the other hand, a change is embedded in the structure of the speech community. To understand the causes of change, it is necessary to know where in the social structure the change originated, how it spread to other social groups, and which groups showed most resistance to it. Since embedding in larger structures inevitably involves multiple causation, the solution to any embedding problem requires multivariate analysis.

Ainda sobre o encaixamento, Nunes de Souza (2015) aponta que são os fatores que se mostram relevantes na análise que vão indicar de que modo um determinado fenômeno está encaixado na estrutura linguística e na social. No caso da presente pesquisa, que estuda a variação entre *tu* e *você*, a autora aponta como fatores linguísticos o traço [+ determinado] e os contextos morfossintáticos de sujeito nulo e pronome possessivo, já as situações de menor monitoramento e maior familiaridade direcionam a variação para dentro dos fatores extralinguísticos, que, em algumas regiões do Brasil, são fatores que regulam a resistência do *tu*.

Outro problema que também está relacionado tanto com aspectos externos quanto com internos no tocante à mudança linguística é o da **transição**. Esse problema, como aponta Faraco (2005), tenta dar conta do fato de que a mudança nas línguas não é discreta, ou seja, as novas formas que surgem na língua não substituem as antigas de imediato, havendo intervalos que servem como fases intermediárias em que essas variantes coexistem e, conseqüentemente, concorrem entre si, sem que a variação prejudique a comunicação entre os membros da comunidade de fala (Coelho *et al.*, 2012). Sendo assim, esse problema lida com a variação a partir de uma perspectiva diacrônica, compondo a mudança em tempo real, e também por uma perspectiva sincrônica, por meio da comparação da fala de membros de faixas etárias distintas dentro da mesma comunidade de fala, tema que será explorado com mais profundidade na subseção 2.3.

É por meio da transição que o presente trabalho pretende controlar a variável **amostra**, pois, a partir da coleta de dados em dois momentos diferentes do tempo – década de 1990 e ano de 2025 –, torna-se possível fazer um estudo em tempo real quanto à variação entre *tu* e *você* dentro desse intervalo de tempo.

O próximo problema apresentado por WLH (2006, [1968]) é o da **avaliação**, que considera relevante para o estudo do processo variacionista a avaliação subjetiva do falante, pois, se uma determinada forma nova conseguiu substituir outra ao longo do percurso do tempo, é porque provavelmente a nova forma foi bem avaliada pelos falantes (Nunes de Souza, 2015). Assim, a partir da avaliação, pode-se averiguar de que forma as novas variantes freiam ou impulsionam o processo de mudança:

[...] como as mudanças observadas podem ser avaliadas – em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (tal como relacionada,

por exemplo, com a carga funcional), e sobre o amplo espectro de fatores não-representacionais envolvidos no falar? (WLH, 2006 [1968]).

Como as entrevistas da nova amostra que vem sendo constituída incluem uma dinâmica de autoavaliação ao final da conversa, será possível analisar se esses informantes, por exemplo, consideram que há variação entre *tu* e *você* na comunidade de fala de Florianópolis, e se há algum fator extralinguístico, como prestígio, intimidade com o interlocutor ou formalidade, que desencadeie certa preferência no uso desses pronomes.

Por último, descreve-se o problema da **implementação**, que busca investigar, como o próprio nome sugere, a implementação da mudança, observando o porquê de ela ocorrer em certos contextos linguísticos, mas não em outros, ou o porquê de ela ocorrer em certos lugares, mas não em outros: “Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?” (WLH, 2006 [1968]). WLH (2006 [1968]) consideram esse problema como o mais aparentemente complexo de todos, pois, se uma língua está em constante variação e mudança, com que parâmetros é possível avaliar a completude de um processo de mudança? Além disso, a implementação está, de certo modo, relacionada a todos os demais problemas, pois a determinação da implementação depende de:

identificar condições possíveis para a mudança (problema de restrição), os fatores condicionadores e o encaixamento estrutural e social do fenômeno em variação/mudança (problema do encaixamento) e os estágios de transmissão e incrementação (problema da transição) - atravessados pelas atitudes subjetivas dos falantes (problema da avaliação). (Coelho *et al.*, 2015).

Considerando a complexidade desse problema e sua relação com outros fenômenos linguísticos, não teremos condição de abordá-lo. No caso da variação de *tu* e *você*, teríamos de tratar do percurso de entrada do *você* na comunidade de fala de Florianópolis, assim como da relação da variação pronominal com a concordância verbal. Uma hipótese para a entrada do *você* na comunidade de fala florianopolitana estaria relacionada ao fato de a concordância verbal com *você* não apresentar marca distintiva, o que poderia favorecer seu uso em detrimento do *tu* que apresenta marca distintiva de concordância.

### 2.3 Mudança em tempo real e em tempo aparente

Os estudos dentro da TVML têm analisado o comportamento linguístico da comunidade de fala a partir de dois paradigmas distintos que remontam ao problema de transição explicado

na subseção anterior, que investiga, como bem pontua Faraco (2005), o fato de a mudança não ser discreta, já que as formas antigas não são simplesmente substituídas pelas novas, pois há fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem, fazendo diminuir paulatinamente a ocorrência de uma em oposição à outra, até que a mudança se complete. Para isso, a Sociolinguística dispõe de estudos que envolvem dois tipos de mudança:

- **Mudança em tempo real:** é, segundo Labov (2008 [1972]), a análise do comportamento linguístico ao longo de períodos de tempo distintos, isto é, trabalha-se com a comparação de dados coletados em diferentes momentos históricos, geralmente com décadas ou séculos de intervalo, a depender do recorte diacrônico pretendido. Por meio dessa abordagem, os pesquisadores conseguem verificar se uma nova forma linguística que entrou em variação com a velha forma em determinado ponto no passado ainda se encontra em variação com a velha (calculando-se a frequência de ambas), se simplesmente desapareceu ao longo do tempo ou se conseguiu tomar por completo o lugar da forma velha, efetivando-se, neste último caso, uma mudança linguística. Essa análise de mudança é, portanto, uma forma direta de acompanhar a evolução da língua, ainda que exija um intervalo temporal considerável ou acesso a registros históricos confiáveis.
- **Mudança em tempo aparente:** ainda segundo Labov (2008 [1972]), essa análise se baseia na observação do comportamento linguístico e dos dados coletados em um único momento, comparando a fala de pessoas de diferentes faixas etárias dentro da mesma comunidade. Dessa forma, a idade torna-se um condicionador chave para essa análise, já que se parte do pressuposto de que falantes mais jovens usam formas linguísticas diferentes das utilizadas pelos falantes mais velhos, indicando que uma mudança linguística está em curso.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que envolve fundamentalmente a análise de banco de dados de amostras de fala, foi privilegiada a adoção da mudança em tempo real, cuja proposta abrange dois tipos de estudos: de painel e de tendência.

Labov (1994) explica que os estudos de painel acontecem a partir do acompanhamento dos mesmos indivíduos ao longo do tempo, ou seja, o linguista coleta dados de um grupo de falantes em um determinado momento e retorna anos depois para registrar novamente a fala dessas mesmas pessoas. Isso permite observar não apenas mudanças na comunidade como um

todo, mas também possíveis mudanças no comportamento linguístico individual, o que é útil para investigar de que modo os condicionadores externos se inter-relacionam.

Já os estudos de tendência, ainda segundo Labov (1994), também comparam dados de diferentes momentos no tempo, porém, em vez de se entrevistarem as mesmas pessoas, o linguista coleta novas amostras da comunidade de fala a partir do mesmo perfil dos falantes das entrevistas da primeira leva, a fim de averiguar se os padrões linguísticos analisados se mantiveram, desapareceram ou desencadearam uma mudança. Essa abordagem é mais comum e prática em pesquisas de longo prazo, principalmente em casos quando não é possível localizar ou fazer o recontato com os participantes da primeira leva de entrevistas, pois estes podem já ter morrido, ter ido morar muito longe da comunidade, ou simplesmente não quererem mais ser entrevistados.

Desse modo, pode-se dizer que, enquanto os estudos de painel são mais complexos, pois dependem do recontato com os mesmos indivíduos que foram entrevistados na primeira coleta, os estudos de tendência são mais simples, visto que é suficiente procurar por indivíduos de mesmo perfil social dentro da comunidade de fala analisada. Para esta pesquisa, foram adotados os estudos de painel, já que a Amostra 2025, no seu percurso de constituição até o final da presente pesquisa, tinha à disposição apenas entrevistas provenientes de recontato.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho, devido à sua ampla dinâmica, adotou uma abordagem tanto quantitativa como qualitativa, pois, ao mesmo tempo em que se processaram as frequências de uso dos dados linguísticos quanto à variação entre os pronomes P2 em Florianópolis, também se analisaram os aspectos subjetivos envolvendo os falantes e sua percepção do uso pronominal, as variáveis dependentes e independentes e o próprio processo de variação e mudança. Para organizar esses procedimentos, na primeira subseção, explicamos como foram constituídas as amostras do VARSUL, necessárias para a metodologia da pesquisa, e, em seguida, debruçamo-nos sobre as variáveis dependentes e independentes, que, igualmente, são pertinentes para a consolidação metodológica da pesquisa.

#### 3.1 As amostras do Banco de Dados VARSUL

Para a metodologia desta pesquisa, foram coletados dados das Amostras do VARSUL, cujo objetivo geral é a descrição do português brasileiro falado e escrito nas cidades e regiões localizadas no Sul do País. As amostras de Santa Catarina, segundo Knies e Costa (1995), foram pensadas para abarcar o português falado pelos grupos étnicos mais expressivos do Estado, como os açorianos, os italianos, os alemães e a população serrana. Com isso em vista, a equipe do projeto pensou em estratégias para escolher as cidades que representassem, com maior riqueza sociocultural, esses grupos supracitados. Para os açorianos, foi escolhida a cidade de Florianópolis, pois, além de ser a capital do Estado, esta passou por um processo histórico peculiar que envolveu o isolamento da Ilha por mais de um século, o que, de certa forma, garantiu à cidade certa resistência a fenômenos culturais e inovações linguísticas vindos de fora.

Para a constituição das amostras, o Projeto seguiu a metodologia sociolinguística para a seleção dos perfis necessários, respeitando a estratificação entre três variáveis independentes: sexo, idade e escolaridade.

Para o sexo, a seleção foi dividida entre pessoas dos gêneros masculino e feminino. Para a escolaridade, os informantes foram divididos em três grupos, considerando a nomenclatura da época: primário – atual anos iniciais do ensino fundamental (até 4 / 5 anos de escolaridade) –; ginásio – atual anos finais do ensino fundamental (até 8 / 9 anos de escolaridade) – e segundo grau – atual ensino médio (até 11 / 12 anos de escolaridade) –. Embora, com o avanço da ciência pedagógica, os níveis e as modalidades de ensino da Educação Básica tenham se adaptado a

novos estudos e a novas nomenclaturas, as amostras continuam adotando a divisão conforme foi feita na década de 1990. Já para a idade, os informantes se dividiram entre Grupo A (de 25 a 50 anos) e Grupo B (mais de 50 anos).

Embora as Amostras Base, via de regra, não incluíssem pessoas na faixa dos 20 anos, por não apresentarem, segundo Knies e Costa (1995), “a consistência linguística necessária para os objetivos do estudo inicial”, nas capitais foi constituída uma amostra com informantes jovens, localizados na faixa entre 15 a 24 anos, a fim de averiguar seu comportamento linguístico.

Ainda no tocante à organização das amostras, o Projeto estabeleceu que cada município selecionado deveria compor um total de 24 entrevistas, que correspondem a 12 perfis, já que nas variáveis escolhidas como parâmetro há duas possibilidades de sexo, três de nível de escolaridade e duas de faixa etária, sendo necessário que cada perfil seja representado por dois informantes diferentes. O ideal, segundo Labov (1994), seriam cinco informantes por célula, no entanto, por conta dos recursos disponibilizados para a constituição das amostras, foi possível a coleta de apenas dois informantes por célula.

Além disso, Knies e Costa (1995) explicam que, para a seleção dos informantes da amostra, estes tiveram que obedecer a certos requisitos como:

- falar apenas português (exceto para cidades ou regiões bilíngues);
- ter morado na cidade aproximadamente durante  $\frac{2}{3}$  de sua vida;
- não ter morado fora da cidade por mais de um ano durante o período de aquisição da língua vernacular (aproximadamente entre 2 e 12 anos);
- não causar estranheza a outros moradores da região.

Para as amostras feitas em Santa Catarina, tentou-se seguir os preceitos metodológicos de entrevistas sociolinguísticas já abordados anteriormente neste trabalho por Silva (2003). Em Florianópolis, o entrevistador se apresentou aos nativos como estudante universitário em busca de informações para um trabalho acadêmico em que era necessário saber questões tanto particulares da vida do informante quanto da sua experiência enquanto morador da cidade. O informante, ao aceitar participar da entrevista, teve sua ficha social elaborada a partir de informações fornecidas por ele próprio, como:

- História residencial;
- História familiar;

- História escolar;
- História ocupacional;
- Hábitos de leitura, TV, rádio, festas e *hobbies*;
- Contato com falantes de outras línguas. (Knies e Costa, 1995)

Dessa maneira, constituiu-se a chamada Amostra Base de Florianópolis, que é composta por 24 entrevistas realizadas entre os anos de 1990 e 1991 por professores, colaboradores, pesquisadores e bolsistas vinculados ao VARSUL da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para essa amostra, foram localizados informantes que residiam em diferentes bairros do espaço urbano da cidade, com diferentes ocupações laborais e pertencentes a faixas etárias diversas, conforme mostrado no quadro a seguir:

#### **Quadro 1 – Informantes da Amostra Base da cidade de Florianópolis**

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade	Bairro	Profissão
1	F	25	PRI <sup>4</sup>	Estreito	Auxiliar de escritório
2	M	39	PRI	Agronômica	Funcionário público
3	F	34	PRI	Agronômica	Cozinheira
4	M	45	PRI	Estreito	Comerciário
5	M	59	PRI	Trindade	Motorista
6	M	76	PRI	Estreito	Não informado
7	F	55	PRI	Trindade	Cozinheira
8	F	76	PRI	Estreito	Dona de casa
9	F	25	GIN <sup>5</sup>	Trindade	Funcionária pública
10	M	35	GIN	Estreito	Mecânico
11	F	42	GIN	Estreito	Dona de casa
12	M	46	GIN	Saco dos Limões	Bancário
13	M	63	GIN	Centro	Funcionário Público
14	M	52	GIN	Estreito	Funcionário público
15	F	62	GIN	Agronômica	Dona de casa
16	F	51	GIN	Estreito	Auxiliar de laboratório
17	F	34	COL <sup>6</sup>	Coqueiros	Professora primária
18	M	42	COL	Centro	Funcionário público
19	M	50	COL	Coqueiros	Bombeiro
20	F	27	COL	Trindade	Não informado
21	M	55	COL	Saco dos Limões	Político
22	F	52	COL	Estreito	Comerciante
23	M	53	COL	Coqueiros	Funcionário de shopping
24	F	62	COL	Centro	Não informado

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Além da Amostra Base, na década de 1990 foi organizada a Amostra Jovens de Florianópolis, que, igualmente à outra, também é composta por 24 entrevistas realizadas por profissionais vinculados à UFSC. No entanto, nessa amostra, os entrevistados não foram separados em grupos por idade, já que foram selecionados apenas informantes de 15 a 24 anos. As outras variáveis, como sexo e escolaridade, se mantiveram para a sua elaboração. O quadro com a Amostra Jovens pode ser visualizado logo abaixo:

### Quadro 2 – Informantes da Amostra Jovens da cidade de Florianópolis

Informante	Sexo	Idade	Esc.	Bairro
1	F	18	PRI	Não informado
2	F	15	PRI	Trindade

<sup>4</sup> Primário completo.

<sup>5</sup> Ginásio completo.

<sup>6</sup> Ensino médio/Segundo grau completo.

3	F	20	PRI	Estreito
4	F	20	PRI	Centro
5	M	16	PRI	Carvoeira
6	F	Não informado	PRI	Não informado
7	M	17	PRI	Córrego Grande
8	M	Não informado	PRI	Não informado
9	F	16	GIN	Capoeiras
10	F	14	GIN	Centro
11	F	16	GIN	Trindade
12	F	1	GIN	Córrego Grande
13	M	15	GIN	Estreito
14	M	15	GIN	Não informado
15	M	15	GIN	Trindade
16	M	17	GIN	Centro
17	M	Não informado	Não informado	Não informado
18	F	21	COL	Agronômica
19	F	19	COL	Estreito
20	M	20	PRI	Centro
20	F	21	COL	Coqueiros
21	M	24	COL	Campinas
22	M	20	COL	Estreito
23	M	18	COL	Campinas
24	M	18	COL	Não informado

Fonte: Elaboração própria, 2025.

### 3.2 As variáveis dependentes e independentes

Para complementar metodologicamente este trabalho, dispomo-nos sobre algumas hipóteses envolvendo as variáveis durante o processo de variação e mudança das línguas naturais. Coelho *et al.* (2012) afirmam que a proposta laboviana divide as variáveis em dois grupos: dependentes e independentes. As variáveis dependentes são as variáveis “propriamente ditas”, isto é, o lugar dentro do sistema linguístico onde se encontra a variação, que, no caso da

presente pesquisa, são os pronomes P2. Já as variáveis independentes, também chamadas de condicionadores ou grupo de fatores, são os fatores que influenciam, regulam ou determinam a escolha de uma certa variante em um dado contexto pelo falante. Essas variáveis ainda são divididas em dois grandes grupos:

- **Condicionadores internos:** como o próprio nome já sugere, são os condicionadores que vêm da própria natureza interna da língua, ou seja, de sua estrutura, podendo haver condicionadores de caráter fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, textual-discursivo ou, até mesmo, da concomitância destes (morfofonológico, morfossintático etc).
- **Condicionadores externos:** são os condicionadores que envolvem fatores sociais ou contextuais, como a classe social, o gênero, a idade, o lugar, o grau de formalidade, o grau de intimidade e a situação comunicativa.

### 3.2.1. Variáveis dependentes

Considerando que analisamos o comportamento dos falantes de nossa amostra em relação à alternância entre *tu* e *você*, naturalmente estas passam a ser as variáveis dependentes da pesquisa. Para simplificar a coleta de dados, consideramos as subvariantes *ocê* e *cê*, mais frequentes em outras variedades diatópicas do PB, como ocorrências legítimas de *você*. Além disso, consideramos apropriado apresentar um panorama histórico da gramaticalização do *você* e da variação de *tu* e *você* em Florianópolis, temas que se encontram nas subseções a seguir.

#### 3.2.1.1 A gramaticalização do *você* no Português

A gramaticalização, segundo Hopper e Traugott (1993), é o processo pelo qual determinados itens e construções lexicais passam a adotar funções gramaticais em certos contextos linguísticos, podendo estes continuar a adotar novas funções gramaticais. Enriquecendo esse conceito, Castilho (1997, p. 39) define a gramaticalização como:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

A hipótese, então, é que o pronome *você* tenha passado por um processo de gramaticalização que o permitiu competir com o *tu* na variável de pronome de segunda pessoa

do singular à medida que foi perdendo a propriedade de pronome de tratamento. Para atestar essas mudanças, é necessário fazer um panorama histórico-diacrônico desses pronomes no português.

Segundo Coelho *et al.* (a sair), o quadro dos pronomes pessoais, em especial os de segunda pessoa, sempre foi influenciado por relações sociais que denotam termos de poder político e econômico, o que explica a variação, ainda em solo europeu, entre o pronome *Vós* – que na época poderia se referir a um único interlocutor de modo formal ou a vários interlocutores – e o pronome *Vossa Mercê*, que passou a ser utilizado pela nobreza e burguesia a partir do século XIV juntamente a outros pronomes de tratamento, ao passo que o *tu* era utilizado como referência singular menos formal do que os outros dois pronomes.

Com o tempo, as autoras afirmam que a forma tradicional *vós* já não possuía mais o mesmo grau de expressividade para marcar deferência em tratamentos mais formais, tendo sido substituído paulatinamente pelas formas nominais de tratamento com a estrutura *Vossa* + nomes abstratos, como, por exemplo, *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade* e *Vossa Excelência*. Entre estes, apenas *Vossa Mercê* se gramaticalizou como pronome pessoal de segunda pessoa a partir de uma nova forma (*você*), juntamente com o seu equivalente no plural (*vocês*). No entanto, as autoras ressaltam que a inserção desse novo pronome não aconteceu de modo homogêneo nem em Portugal e nem no Brasil, alternando, especificamente no continente americano, entre uma variante de *tu*, para tratamento mais íntimo, e uma de *o senhor*, indicando um tratamento mais respeitoso e hierárquico.

Analisando diacronicamente as variedades brasileira e portuguesa de língua, Coelho *et al.* (a sair) apontam que, até o século XIX, ambas as variedades sofreram um percurso semelhante à medida que o pronome *vós* foi entrando em desuso (tanto para se referir formalmente a apenas um interlocutor quanto para indicar vários interlocutores) e o pronome *você* foi se gramaticalizando dentro do quadro dos pronomes pessoais. No entanto, a partir do século XX, a tendência muda com a generalização do *você* em muitas regiões do Brasil, que passa a se tornar o principal pronome de segunda pessoa do singular, independentemente do tratamento mais íntimo ou mais respeitoso com o interlocutor, concorrendo diretamente com o *tu*, ao passo que, em Portugal, o *tu* continua sendo o pronome predominante, impedindo a generalização do *você*.

Nos últimos 50 anos, no Brasil, a questão pronominal de P2 tem se mostrado muito heterogênea a depender do espaço geográfico e da variedade diatópica de língua estudada.

Estudos de Santos (2012) têm indicado que, na cidade do Rio de Janeiro, há uma preferência indiscutível pelo *você*, ao passo que o *tu* ocorre em contextos e situações muito específicos. Já no Paraná, mais especificamente em Curitiba, Loregian-Penkal e Menon (2022) afirmam que *você* – bem como suas variantes *ocê* e *cê* – se consolidou como praticamente o único pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular, havendo ocorrências muito isoladas e restritas do *tu*. Em Salvador, capital do estado da Bahia, Nogueira (2013), ao fazer um levantamento pronominal por meio da análise de entrevistas da amostra Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador (NURC/SSA), chegou à conclusão de que houve mais de 90% de ocorrências de *você* e sua variante *cê*, enquanto *tu* ficou restrito a apenas 4% das ocorrências. Em Florianópolis, como veremos na Subseção 3.2.1.2, sua população tem historicamente mostrado preferência pelo uso do *tu*, cabendo à presente pesquisa averiguar se essa preferência ainda permanece.

### 3.2.1.2 Panorama histórico da variação de *tu* e *você* na cidade de Florianópolis

Para estudar a história da variedade de língua falada na cidade de Florianópolis, deve-se considerar também o estudo da colonização açoriana na região litorânea do Sul do País, que, segundo Mosimann (2010), ocorreu a partir da metade do século XVIII, com a emigração, patrocinada pelo governo português, de diversos açorianos e madeirenses que se instalaram ao longo de todo o litoral catarinense. Segundo o autor, esses imigrantes eram, em grande parte, analfabetos e trouxeram para cá uma cultura rica, com valores considerados conservadores para a época. Dentro da cultura importada, sabe-se que esta influenciou não apenas os valores sociais e morais da época, mas também os traços linguísticos da variedade de língua falada na Ilha, como o /S/ palatalizado, o uso de *tu* para tratamento íntimo e o uso de *você* e *vossa mercê* para tratamento mais respeitoso e em situações que exigiam maior policiamento.

Coelho *et al.* (a sair) apontam que, ainda que no século XIX a construção de um porto na Ilha de Santa Catarina tenha sido responsável pela abertura da cidade para desenvolver suas atividades administrativas e comerciais, é somente a partir da década de 1920 que a entrada à Ilha se torna mais acessível com a inauguração da Ponte Hercílio Luz, aumentando consideravelmente o número habitacional e a verticalização das construções, fato que indica, possivelmente, a chegada vagarosa do *você* à Ilha. Mesmo com uma inserção discreta de *você* na região, diversos estudos, principalmente os realizados pelos pesquisadores do VARSUL, como o de Coelho (2019), indicam que o *tu* ainda é o principal e mais recorrente pronome de segunda pessoa do singular.

Um dos estudos mais relevantes e notórios que têm trabalhado com a variação entre *tu* e *você* na região sul é o de Loregian-Penkall (2004), que fez um levantamento sociolinguístico do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular nas cidades que compõem o Banco VARSUL. Para a cidade de Florianópolis, a autora analisou os dados da Amostra Base do VARSUL, amostra que fará parte dos estudos de painel do presente trabalho, e seus resultados indicaram uma preponderância do uso do *tu* em Florianópolis, abrangendo 76% do total das ocorrências.

Com a discussão histórica feita até agora, faz-se oportuno trazer o mapeamento feito por Scherre *et al.* (2015), que organiza o uso pronominal no PB, em especial o de segunda pessoa do singular, que é um dos que mais variam. Segundo a autora, a variação entre *tu* e *você* e a (não)concordância com o primeiro pronome podem ser organizadas a partir de 6 subsistemas: (i) só *você*, com as variantes *você*, *ocê* e *cê*; (ii) mais *tu* e concordância baixa com o *tu*; (iii) mais *tu* e concordância alta com o *tu*; (iv) *tu/você* e concordância baixa com o *tu*; (v) *tu/você* e concordância média com o *tu* e (vi) *você/tu* com *tu* sem concordância.

Ainda segundo a autora, a cidade de Florianópolis se encontra no subsistema (iii), em que há a predominância do pronome *tu* e concordância alta com o *tu*. Embora Coelho *et al.* (a sair) traga resultados que apontem que a concordância já não se apresente tão alta atualmente, e, ainda que este trabalho não vá explorar diretamente questões que envolvam a concordância verbal, será investigado se, de fato, a predominância do *tu* permanece, alertando um pequeno indício de que a cidade ainda pode estar no tal subsistema.

### 3.2.2. Variáveis independentes

Para a metodologia da presente pesquisa, optamos por analisar, entre as variáveis independentes linguísticas, o preenchimento e o tipo de referência dos pronomes de segunda pessoa do singular. Já para as independentes extralinguísticas, optamos pelas variáveis sexo/gênero, idade, escolaridade e amostra. Passamos à descrição dessas variáveis.

#### 3.2.2.1 Preenchimento do sujeito:

Sabe-se que no PB os pronomes de segunda pessoa do singular podem aparecer nulos ou preenchidos. No caso de *você*, por ser um pronome que é acompanhado de uma forma verbal não marcada, isto é, uma forma sem uma desinência marcada morfológicamente para indicar segunda pessoa do singular, a nulidade do pronome vai se manifestar por meio de um processo

anafórico, em que o *você* já tenha ocorrido previamente no discurso, como no exemplo localizado na amostra de 2025 de Florianópolis:

- (1) ... *É feia, né? Não é agradável. A nossa não, a nossa água é clara. **Você** anda,  $\emptyset$  vê o peixe.* (FLP, 10, SUP, 2025).

No trecho acima, o pronome *você* aparece como variante de P2. Na última oração, no entanto, o pronome foi ocultado (representado pelo símbolo  $\emptyset$ ) e pôde ser recuperado pelo contexto discursivo da conversa via anáfora.

Igualmente, o *tu*, no PB, pode ser nulo ou preenchido. Na hipótese de nulidade, *tu* pode seguir o mesmo comportamento de *você*, em que o apagamento se dá por anáfora e a partir da recuperação do contexto prévio, mas além disso, pode ser apagado sempre que o verbo estiver carregando morfológicamente a desinência de segunda pessoa. Analisemos os exemplos trabalhados por Loregian (1996) a partir da Amostra Base de Florianópolis:

- (2) “...*é uma carta que **puxas** do monte, **tu bate** aí **tu fica** com dez pontos...*” (FLN 10 GIN A M). (Loregian, 1996, p. 46)
- (3) “...***tu tavas** ferrada, ou **fugias** pela porta de trás ou **encaravas** a bichinha...*” (FLN 28 GIN C M). (Loregian, 1996, p. 46)
- (4) “...*tem uns barzinho pra **tu ficar** se não **queres** vê o show, depois **tu vai** pra ali e **ficas** tomando cervejinha...*” (FLN 33 GIN C F). (Loregian, 1996, p. 46)

No exemplo em (3), o *tu* se comporta semelhante ao apagamento do *você* do exemplo anterior, em que o pronome oculto pode ser recuperado dentro do contexto por anáfora. Mas, aqui a anáfora é reforçada pela morfologia verbal do verbo – a partir do morfema -s em *fugias* e *encaravas* – que deixa ainda mais evidente de que há um *tu* nulo ali.

Outros comportamentos quanto ao apagamento de *tu* também puderam ser atestados: em (2) o apagamento aparece na primeira ocorrência, enquanto o preenchimento apenas na segunda, dinâmica influenciada, provavelmente, pela concordância, já que na primeira oração o verbo recebe a desinência de 2ª pessoa, facilitando a dispensa do pronome para evitar uma suposta redundância, ao passo que, na segunda e terceira orações, os verbos não têm marcação de concordância, fato que favoreceu o preenchimento do *tu*. Em (4), temos uma situação semelhante à de (2), diferenciando-se apenas na ordem das ocorrências, visto que a sequência

de *tu* preenchido com verbo sem concordância apareceu antes que a de *tu* nulo com verbo com concordância.

Para efeitos metodológicos, a pesquisa considerou relevante a contagem das ocorrências dos pronomes ora nulos ora preenchidos no momento de análise dos dados obtidos na nova amostra, ainda em processo de constituição. Além disso, será averiguada a hipótese apresentada por Loregian (1996), que sustenta a ideia de que o *você* ocorre preenchido com mais frequência do que o *tu*, já que o *você* não é marcado morfológicamente na desinência verbal, dificultando seu apagamento em contextos que não envolvem anáfora.

### 3.2.2.2 Referência específica ou genérica

Para além da questão envolvendo a nulidade e o preenchimento, os pronomes de P2 no PB podem ser usados com referência genérica ou específica, em que no primeiro caso há a diretividade com que o falante se dirige ao seu interlocutor, ao passo que, no segundo, a referência não tem um interlocutor em específico, funcionando o pronome como um recurso que vai ajudar a sustentar uma argumentação ou exemplificação. Essa ideia foi explorada por Zilles (2009) e Mantiri (2015), que afirmam, respectivamente:

Um fator linguístico relevante, por exemplo, pode ser a “referência”. Os pronomes TU e VOCÊ podem aparecer com referência ou significados diferentes, ou melhor, podem ser usados para se referir ao interlocutor, a um grupo definido, particular ou genérico, dependendo do contexto em jogo. (Zilles, 2009, p. 19)

O uso de referência específica é caracterizado pela forma direta com que o falante se refere ao interlocutor, de forma que o referente é conhecido e definido na situação em que a conversa ocorre. Ao que se refere o uso dos pronomes com interpretação genérica, são aqueles em que a referência não está dirigida especificamente a um interlocutor, mas a todos que possam aproveitar da informação. (Mantiri, 2015, p. 41).

Para exemplificar o uso referencial dos pronomes P2, trazemos dados da nossa amostra da década de 1990 e da amostra de 2025 de *tu* e *você* com referência genérica e específica:

- (5) ... *Porque assim, quando eu fiz 35 anos de correio, e 53 de idade, eu fui no INSS para fazer um cálculo. E na época era a dona Olga, uma senhora. E ela fez os cálculos assim, se **você** está aposentado...* (FLP, 10, SUP, 2025).
- (6) ... *Ah, o Carlos Alberto é aquele tal negócio, o Carlos Alberto, ele tem filho que joga futebol ... Como **você** sabe o filho dele joga futebol...* (FLP, 02, 1990).
- (7) *Não fuma, porque que eu vou teimar? E quis ele assim! ... Então ele não gosta. Nem ele, nem minha guria. Nós fumamos em casa, tudo. (ruído). Minha mulher fuma, mas*

(inint) (...) *Que numa época eu disse pra ele: "Tu até podes fumar, mas que o pai vai ficar zangado, vai. O pai não vai gostar. A liberdade é sua, você pode fumar, não tem problema nenhum".* (FLP, 04, 1990).

- (8) ... *Então nós fizemos o bolo de amendoim e o bolo de côco (...) Tu fazes a massa comum, e o recheio é que tu fazes Leite Moça, botas amendoim moído, né? e tu cobres ele, ø botas o recheio, e esse recheio tu colocas no meio e depois tu colocas o Leite Moça por cima do bolo e ø salpicas com amendoim (ruído) uma delícia.* (FLP, 10, 1990).

Nos exemplos (6) e (7), há ocorrências de *tu* e *você* com referência específica, ou seja, há um interlocutor determinado para quem se dirige por meio do pronome. Em (6), a ocorrência de *você* se refere à entrevistadora em que o entrevistado lhe dirige retoricamente para declarar que ela sabe que o filho do jogador joga futebol, já em (7) as ocorrências de *tu* e *você* se referem ao filho do entrevistado, quando o entrevistado reproduziu, por meio do discurso direto, uma conversa que ele teve com seu filho tempos antes da entrevista.

Por outro lado, nos exemplos (5) e (8), temos ocorrências de *tu* e *você* com referência genérica, em que esses pronomes não possuem um interlocutor em específico. É oportuno notar que em (8) há duas ocorrências de *tu* nulo, indicando que esse pronome pode também ser usado genericamente mesmo quando não pronunciado.

Para a análise dos resultados da pesquisa, consideramos, portanto, como ocorrências válidas todas aquelas em que se usam *tu* e *você* com referência genérica ou específica. A hipótese apresentada por Loregian-Penkall (2004) é a de que o uso de *você* é mais recorrente quando o entrevistado usa o pronome como referência a si mesmo a partir da retomada de um discurso relatado de uma terceira pessoa, como no exemplo abaixo:

(9) *aí uma moça lá do hospital veio me chamar: "Você que é a acompanhante da Dona Julieta?"* (FLP, 03, 1990).

Já o *tu* seria mais recorrente quando o entrevistado repete sua própria fala a partir de um relato envolvendo uma terceira pessoa, que naquele contexto atuava como interlocutor e para quem o pronome se dirigia, como apresentado em (7).

Quanto ao uso genérico dos pronomes, a autora afirma que a genericidade propicia o uso de *você*, tendo em vista suas pesquisas com análise dos dados da Amostra Base de Florianópolis.

### 3.2.2.3 Sexo/Gênero

A primeira variável independente externa a ser explorada é a de sexo/gênero. Segundo Paiva (2003), os estudos que exploram a relevância do sexo dentro do processo de variação e mudança a partir da análise de uma vasta gama de fenômenos linguísticos ainda não podem ser tomados como conclusivos, porque muitos deles indicam direções contraditórias, o que levou à postulação do Paradoxo do Gênero. Para Labov (1990), esse paradoxo está presente em certas dinâmicas de análise: em processos de variação linguística, as mulheres tendem a privilegiar o uso de variantes previstas pela norma culta ou norma-padrão, mostrando-se mais conservadoras ao evitarem a estigmatização. No entanto, a situação pode se inverter nos casos em que as mulheres tendem a introduzir a forma “não padrão”, mostrando-se mais inovadoras (caso esta forma, embora inovadora, adquira mais prestígio que a antiga) e os homens mais conservadores (Rumeu, 2013).

Coelho *et al.* (2012) explicam que isso acontece devido ao papel que as mulheres têm nas esferas pública e privada das sociedades dos países ocidentais, em que seu comportamento tende a ser mais conservador quando comparado ao dos homens, fazendo com que elas reajam mais fortemente às normas da cultura dominante, incluindo-se aí a variedade de língua falada por elas. No entanto, esse comportamento não é universal e não deve ser levado como parâmetro em todas as comunidades de fala em que se investigam mudanças linguísticas, já que a história social e cultural das comunidades está em constante transformação, o que pode levar a comportamentos diferentes pelos seus membros.

Resumindo e sintetizando aqui a ideia trazida pelos autores, em se tratando de uma comunidade de fala vinculada a uma sociedade moldada por valores ocidentais, a relevância do papel do gênero pode ser explicada da seguinte forma: quando uma nova forma linguística, socialmente prestigiada, surge na língua, as mulheres tendem a privilegiar o uso dessa nova forma. Por outro lado, quando a nova forma é socialmente estigmatizada, as mulheres assumem uma postura conservadora, ficando a cargo dos homens a liderança do processo de mudança (Paiva, 2003).

No entanto, adotar essa postura nesta pesquisa requer um certo cuidado, pois nem sempre haverá uma polarização evidente entre uma variedade de prestígio e uma de estigma dentro dos processos de variação e mudança (Paiva, 2003). Sabe-se que *você* é a forma inovadora quando comparada ao *tu*, mas resta a dúvida de se há realmente um antagonismo entre ambas quanto ao prestígio. Ao longo da realização das entrevistas para a constituição da nova amostra, foi feita uma autoavaliação com os informantes de Florianópolis, e estes podem auxiliar no processo de verificação de se há, realmente, diferenças envolvendo prestígio entre os pronomes P2.

Além da autoavaliação, averiguaremos se os resultados estão de acordo com a hipótese apresentada por Loregian-Penkal (2004) quanto à variável sexo no contexto de variação entre *tu* e *você*. Segundo a autora, as mulheres, além de preferirem as formas canônicas dos verbos de segunda pessoa, apresentam uso maior de *tu* do que os homens.

#### 3.2.2.4 Idade

Além da variável sexo/gênero, há a variável faixa etária, que, dentro dos estudos sociolinguísticos, tem se constituído como uma variável complexa. A complexidade envolvendo a idade surge a partir de uma série de questionamentos que tentam dar conta de entender se a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar com o passar dos anos. Naro (2003) pontua que há duas posições teóricas que apresentam respostas diferentes a esses questionamentos.

A primeira argumenta seguindo a linha dos estudos da aquisição de língua, que advogam a favor da ideia de que o processo de aquisição se encerra no início da puberdade, aproximadamente aos 15 anos de idade, e a partir desse momento a língua vernacular do falante se torna estável, ou seja, não é mais capaz de mudar com o passar dos anos. Essa hipótese é comumente atestada em pesquisas cujo resultado indica que os indivíduos mais velhos tendem a preferir a forma antiga, ao passo que os mais jovens preferem a forma inovadora. Sendo assim, ao analisar a fala de uma pessoa de 70 anos, estaríamos lidando com um vernáculo de 55 anos atrás (Coelho *et al.*, 2012).

A segunda posição, ainda segundo Naro (2003), argumenta no sentido contrário, isto é, a língua do falante pode variar e, até mesmo, mudar ao longo dos anos. A ideia contida na hipótese é a de que nem toda variação detectada na fala indica uma mudança linguística em progresso, mas uma variação estável, pois há situações em que, por exemplo, os mais jovens e

os mais velhos apresentam o mesmo comportamento linguístico, diferentemente da população de meia-idade, que pode utilizar outras formas linguísticas (Coelho *et al.*, 2012).

Como esta pesquisa dispõe de duas amostras antigas, uma de entrevistas com jovens entre 15 e 24 anos e outra com pessoas a partir de 25 anos, será possível trabalhar com as duas hipóteses. A expectativa, alinhada à primeira hipótese, é a de que o *tu* apareça com mais frequência na fala de pessoas mais velhas – concentradas na faixa de mais de 50 anos –, e o *você* na fala de pessoas mais jovens, já que *tu* é a forma mais antiga, e *você* a mais nova. No entanto, o acompanhamento do mesmo informante a partir dos estudos em tempo real podem indicar que o mesmo falante que, por exemplo, usava muito *tu* no passado, pode agora usar com mais frequência o *você*.

É válido ressaltar que essa hipótese vai de encontro aos resultados obtidos pela tese de Loregian-Penkall (2004) para a cidade de Florianópolis, em que se constatou a liderança do uso do pronome *tu* pela faixa etária de 25 a 49 anos, em contraposição à faixa de 50 anos, que, embora ainda tenha preferido o uso de *tu*, a variação com o *você* foi mais saliente.

### 3.2.2.5 Escolaridade

A escolaridade é uma variável que diz respeito ao acesso dos falantes ao ensino formal e, conseqüentemente, aos bens culturais cultivados pelo meio letrado. Segundo Votre (2003), a escolaridade está, em certa parte, atrelada à variável do *status* econômico, ao menos no contexto social brasileiro, em que, via de regra, pessoas mais bem posicionadas economicamente têm mais acesso ao ensino, especialmente ao superior. Por conta disso, falantes com mais escolaridade, ao terem contato com a literatura e com a escrita permeada pela normatividade, dão preferência ao uso de variantes mais socialmente prestigiadas em certos contextos comunicativos, ao passo que falantes menos escolarizados ficam mais restritos às formas linguísticas já presentes no seu vernáculo, tendo elas mais ou menos prestígio.

Aqui, outra vez, prevalece a mesma incerteza hipotética da variável sexo/gênero, pois ainda não parece evidente que haja uma discrepância de prestígio entre *tu* e *você*, sendo necessário recorrer à autoavaliação dos informantes quando estes mencionam se eles percebem que uma ou outra forma tem mais prestígio. Caso tenha, a hipótese será a de que a variante com maior prestígio é mais recorrente na fala dos informantes mais escolarizados.

Os estudos de Loregian-Penkall (2004) indicam que, para Florianópolis, há interferência da educação formal no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, prevalecendo o pronome *tu* à medida que os falantes progredem entre os níveis de ensino.

#### 3.2.2.6 Amostra (1990/2025)

Por último, trataremos da variável Amostra, que controlará o uso individual de cada informante quanto aos usos de *tu* e *você* por meio dos estudos de painel, isto é, por meio do acompanhamento do falante e de seus usos linguísticos desde a primeira amostra, constituída na década de 90, até a amostra de 2025. Vale ressaltar que, até o momento da finalização da pesquisa, a amostra ainda estava em constituição, fato que impossibilitou a realização das 24 entrevistas necessárias para a sua integralização, de acordo com a metodologia prevista em Knies e Costa (1996).

A primeira etapa de composição da nova amostra se concentrou no recontato dos mesmos informantes florianopolitanos que já haviam cedido uma entrevista na década de 90 e que compuseram a Amostra Base e a Amostra Jovens. Do total dos 48 informantes, 24 de cada amostra, conseguimos localizar 18 informantes, dos quais 12 foram entrevistados, são eles: os informantes de nº 9, 14, 17 e 20 da Amostra Base – *vide* Quadro 1 – e os informantes de nº 5, 7, 9, 10, 11, 19, 21, 22 da Amostra Jovens – *vide* Quadro 2. Assim, esses informantes foram reorganizados na Amostra 2025 da seguinte forma:

#### **Quadro 3 – Informantes da Amostra 2025 da cidade de Florianópolis**

Informante	Sexo	Idade 1990	Idade 2025	Escolaridade - 1990	Escolaridade - 2025	Bairro 2025
1	M	24	54	COL	SUP <sup>7</sup>	Estreito 45
2	M	16	42	PRI	SEG <sup>8</sup>	Tapera
3	F	19	43	GIN	SUP	Capoeiras
4	F	27	62	COL	SEG	Pantanal
5	F	14	43	GIN	SUP	Cacupé
6	M	17	45	PRI	GIN	Costeira do Pirajubaé
7	F	39	73	SEG	SEG	Coqueiros
8	F	19	51	COL	SEG	Jardim Janaína (Biguaçu)
9	F	16	46	GIN	SEG	Ingleses
10	M	52	87	GIN	SUP	Lagoinha
11	F	30	51	GIN	GIN	Ribeirão da Ilha
12	M	20	50	COL	SEG	Itacorubi

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Como o recontato trabalha com a imprevisibilidade dos informantes, não sabendo quais vão ser efetivamente recontatados, e devido ao fato de que a amostra atual ainda está em processo de constituição, o Quadro evidencia um desequilíbrio de perfil entre algumas estratificações dos informantes: quanto à idade, a amostra está equilibrada, pois há seis informantes enquadrados no grupo A (de 25 a 50 anos) e os outros seis no grupo B (mais de 50 anos). Na variável sexo, há um pequeno desequilíbrio, visto que dos 12 informantes, sete são mulheres e cinco são homens. A variável escolaridade foi a que apresentou menos equilíbrio, pois, dos 12 informantes, quatro têm ensino superior completo (SUP), seis têm apenas o ensino médio completo (SEG), e dois têm apenas o ensino fundamental completo (GIN). Apesar disso, acreditamos que os desequilíbrios não foram tão acentuados a ponto de prejudicar metodologicamente a pesquisa.

Também é relevante mencionar que os informantes mudaram de categoria dentro das estratificações em comparação à época em que estes foram entrevistados pela primeira vez. Quanto à idade, os informantes 2, 3, 5, 6, 9 e 12 saíram do grupo 0<sup>9</sup> para o grupo A, já os

<sup>7</sup> Ensino superior completo.

<sup>8</sup> Segundo grau/Ensino médio completo. Equivalente à sigla “COL” utilizada nas amostras do Quadro 1 e 2, pois na época se usava o termo *colegial* para se referir ao que hoje se entende por ensino médio.

<sup>9</sup> Aqui, denomino grupo 0 como a faixa em que estão concentrados os informantes de 15 a 24 anos de idade. Como a primeira versão do *Manual do usuário do VARSUL* não previa informantes com menos de 25 anos, já que o grupo A – que é intuitivamente a primeira categoria – foi destinado aos informantes entre 25 a 50 anos, e o grupo B aos informantes com mais de 50 anos, tive de improvisar na referência dada ao grupo de idade dos informantes da Amostra Jovens, que na época tinham de 15 a 24 anos.

informantes 1 e 8 saíram do grupo 0 para o grupo B, enquanto os informantes 4, 7, 10 e 11 saíram do grupo A e foram para o grupo B. Quanto à escolaridade, as mudanças também foram acentuadas: enquanto os informantes 4, 7, 8, 11 e 12 se mantiveram com o mesmo nível de escolaridade, os informantes 3, 5 e 10 saíram de GIN para SUP; o informante 2 saiu de PRI para SEG; o informante 6 saiu de PRI para GIN; a informante 9 saiu de GIN para SEG e o informante 1 saiu de SEG para SUP. O sexo foi a única estratificação em que não se perceberam alterações entre as amostras, já que nenhum informante retificou sua identidade de gênero ao longo dos 30 anos passados desde o primeiro contato.

Ainda que o bairro não tenha sido considerado propriamente uma variável que engatilhe a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular, notamos que alguns informantes mudaram de bairro no intervalo de 30 anos entre a primeira e a segunda amostra: enquanto apenas os informantes 3 e 7 não mudaram de bairro, residindo, inclusive, no mesmo endereço de 30 anos atrás, todos os demais informantes hoje em dia moram em localidades diferentes.

Ressalta-se ainda que a nova amostra conta com uma análise qualitativa de avaliação: no final da realização de cada entrevista, foi destinado um espaço para que o informante pudesse fazer uma autoavaliação sobre seus próprios usos linguísticos e os da sua comunidade de fala, relacionando, assim, o uso analisado quantitativamente com a avaliação apresentada.

Em um dos momentos da autoavaliação, perguntamos ao informante se eles acham que *tu* e *você* têm o mesmo significado, se eles usam essas palavras nas mesmas situações ou acham que usam mais *tu* ou mais *você* quando conversam com pessoas diferentes. As respostas apresentadas por esses informantes podem ser encontradas na Seção 4.

Com isso, foi possível obter pistas que atribuem sustentação a hipóteses estipuladas para outras variáveis, como as de sexo e escolaridade, em que é importante que o informante perceba e informe se há ou não indícios de prestígio e estigma nos usos de *tu* e *você*.

### 3.3 Dados excluídos

Na tentativa de não enviesar e não comprometer nossas análises, consideramos prudente eliminar alguns dados linguísticos que ocorrem em determinados contextos, conforme podemos conferir logo abaixo:

- Ocorrências de nulidade pronominal em que não foi possível recuperar o pronome pelo contexto, conforme se vê em:

(10) ... *porque aí  $\emptyset$  não coloca no lugar.* (FLP, 08, 2025)

- Pronomes *tu* e *você* utilizados pelos entrevistadores – Durante a análise, fizemos o levantamento de quais pronomes de segunda pessoa os entrevistadores utilizaram durante a entrevista, no entanto esses dados não foram contabilizados, já que temos como objetivo analisar a fala do entrevistado, e não a do entrevistador. Dessa forma, as ocorrências pronominais dos entrevistadores permaneceram como informação adicional.
- Pronomes *tu* e *você* utilizados durante o teste de percepção linguística – Como, a partir desse momento, os informantes já sabiam que seriam questionados sobre noções de língua, acreditamos que, de alguma forma, estes passariam a policiar a sua própria fala, comprometendo os dados.
- Por último, excluímos os marcadores discursivos, que, segundo Freitag (2003), são elementos linguísticos que exercem funções importantes na interação, responsáveis por amarrar o texto no plano cognitivo e também no interpessoal. Esses marcadores, via de regra, sofrem um esvaziamento de sua função sintática original, servindo apenas para atribuir sustentação à interação comunicativa. Assim, entendemos que os pronomes que ocorrem nesses casos fazem parte do próprio bloco sintagmático do marcador discursivo, não podendo, muitas vezes, ser substituídos por outra variante de mesmo valor, motivo pelo qual os desconsideramos durante a análise:

(11) ... *Ontem o carro ficou parado o dia inteiro em casa e eu precisando, **entendesse**?*  
(FLP, 10, 2025)

(12) ... *Trabalhou muita gente de fora, **sabe**?* (FLP, 07, 2025)

(13) ... *Mas aí é interessante, **tu vê**...* (FLP, 01, 2025)

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, nos debruçaremos sobre a variação entre *tu* e *você* no espaço urbano da cidade de Florianópolis a partir da análise quantitativa da nossa amostra. Inicialmente, trazemos os resultados a partir de um levantamento estatístico da variação entre *tu* e *você* em Florianópolis. Na tabela a seguir é possível observar o comportamento dos falantes quanto aos pronomes nas amostras da década de 1990 e de 2025:

**Tabela 1 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na década de 90 e em 2025**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
1990	161/167 = 96%	6/167 = 4%	167/167 = 100%
2025	138/156 = 88%	18/156 = 12%	156/156 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Da amostra de 1990, foram consideradas as ocorrências de *tu* e *você* nas entrevistas dos quatro informantes da Amostra Base e dos oito informantes da Amostra Jovens, que totalizaram 167 ocorrências de pronome de 2º pessoa do singular, em que, deste total, 96% são de ocorrências de *tu* e 4%, apenas, de *você*. Já na amostra mais recente, de 2025, foram localizadas 156 ocorrências de pronome de 2º pessoa do singular, sendo 138 ocorrências de *tu*, abarcando 88% do total das ocorrências e 12% do uso de *você*.

Com os resultados obtidos, observa-se que o *tu* continua sendo o pronome mais saliente e frequente na cidade de Florianópolis, com este sofrendo um leve decréscimo nas ocorrências de apenas 8% entre as amostras. O *você*, embora aparentemente tenha se tornado mais recorrente nos dias de hoje, ocorre de modo tímido no falar dos nativos de Florianópolis no gênero entrevista pessoal, não sendo capaz de apontar para uma mudança abrupta e significativa no paradigma pronominal de segunda pessoa do singular.

Vejamos, na tabela a seguir, uma análise que agrupa os usos categóricos de só *tu* e de só *você*:

**Tabela 2 – Uso dos pronomes *tu* e *você* agrupados categoricamente**

<b>Amostra</b>	<b>Total de entrevistas</b>	<b>Só <i>tu</i></b>	<b>Só <i>você</i></b>	<b><i>Tu/você</i></b>	<b>+ <i>tu</i></b>	<b>+ <i>você</i></b>
1990	12	9	0	3	3	0
2025	12	10	0	2	1	1

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A tabela, que tenta replicar a mesma dinâmica de análise presente em Menon e Loregian-Penkall (2002), constata que, em 1990, dos 12 informantes, nenhum usou apenas *você*, nove usaram apenas *tu* e três intercalaram entre *tu* e *você*. Em 2025, *você* aparece apenas na fala de dois informantes, mas nenhum deles usou exclusivamente o *você*, tendo intercalado com o *tu*. Desses dois, um usou mais *tu*, e o outro usou mais *você*. Os outros dez informantes usaram exclusivamente o *tu*.

#### 4.1 Análise da amostra de 2025

A seguir, vamos explorar detalhadamente a ocorrência dos pronomes a partir da amostra de 2025, considerando as variáveis independentes que selecionamos para a pesquisa: pronome nulo ou preenchido e pronome com referência genérica ou específica como variáveis linguísticas. Em seguida, passamos à discussão das variáveis extralinguísticas, como sexo, idade, escolaridade e amostra.

##### 4.1.1 Preenchimento do pronome

Podemos observar, na tabela a seguir, os resultados para a variável preenchimento do sujeito.

**Tabela 3 – Uso dos pronomes *tu* e *você* quanto ao seu preenchimento**

<b>Preenchimento</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
Preenchido	121/138 = 88%	17/138 = 12%	138/156 = 89%
Nulo	17/18 = 94%	1/18 = 6%	18/156 = 11%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A partir da Tabela 4, observamos que os falantes mostraram preferência pelo preenchimento do pronome tanto nas ocorrências de *tu* quanto nas de *você*, representando 89% de casos de pronome preenchido contra apenas 11% de pronome nulo.

A hipótese que apresentamos é a de que o *tu* ocorre com maior frequência na modalidade nula quando comparado ao *você*, já que o *tu* conta com a possibilidade de ser marcado morfológicamente na própria desinência verbal, facilitando o seu apagamento, ao passo que o *você* não dispõe da mesma propriedade morfológica, fato que força o seu preenchimento na maior parte dos contextos.

Tendo isso em vista, percebe-se que a análise corrobora a hipótese trazida, levando em conta o fato de que o *tu* correspondeu a 94% de todas as ocorrências de pronome nulo, sustentando a ideia de que o *tu* está mais propício à nulidade do que o *você*. Seguem abaixo exemplos da Amostra 2025:

(18) *É feia, né? Não é agradável. A nossa não, a nossa água é clara. Você anda, ø vê o peixe.* (FLP, 10, SUP, 2025).

(19) *A família do meu marido e a minha família, né? Então, assim, a gente faz festa juntos. Ah, que bom. E como, assim, hoje em dia está uma fase mais difícil... Pra tu chegar e... Ah, vou convidar todo mundo.* (FLP, 04, SEG, 2025).

(20) *Tu tens que ter acesso, ø tens que ter permissão. É, algumas coisas sem bastante...* (FLP, 04, SEG, 2025).

#### 4.1.2 Referência do pronome

Em relação à referência dos pronomes de segunda pessoa, observemos os resultados na tabela a seguir.

**Tabela 4 – Uso dos pronomes *tu* e *você* quanto à sua referência**

Referência	Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)	Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)	Total
Genérica	75/92 = 82%	17/92 = 18%	92/156 = 59%
Específica	63/64 = 98%	1/64 = 2%	64/156 = 41%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 3 evidencia que a referência genérica liderou os resultados, representando 59% do total das ocorrências de pronome de segunda pessoa, contra 41% da referência específica, fato que deve ter sido influenciado pelas dinâmicas discursivas do gênero entrevista. Além disso, houve menor disparidade entre os tipos de referência no caso de *tu*, em que se localizaram 75 ocorrências de referência genérica e 63 ocorrências de referência específica. Já no caso de *você*, a referência genérica liderou as ocorrências da entrevista. Quanto à referência genérica, 82% das ocorrências foram de *tu*, contra 18% de *você*; já para a referência específica, 98% das ocorrências foram de *tu*, contra apenas 2% de *você*. Seguem alguns exemplos retirados da Amostra 2025 dos pronomes sendo usados ora com referência genérica ora com referência específica

(14) ... *Porque assim, quando eu fiz 35 anos de correio, e 53 de idade, eu fui no INSS para fazer um cálculo. E na época era a dona Olga, uma senhora. E ela fez os cálculos assim, se **você** está aposentado ...* (FLP, 10, SUP, 2025).

(15) *Aí ela falou assim, “se **você** está aposentado, o que você faz agora?” “Não faz nada. Continua trabalhando, aí **você** vai receber um salário do INSS”. Aí eu cheguei em casa e fiquei apavorado, assim, para a mulher* (FLP, 10, SUP, 2025).

(16) *Será que eu vou saber preencher o que **tu** queres?* (FLP, 04, SEG, 2025).

(17) ... ***Tu** não tinhas a preocupação de “ai, só vou abrir quando eu chegar ali no portão” Hoje não, hoje **tu** tem que ter aquela cautela de “ai, tô na frente do meu portão que eu vou abrir pra botar”.* (FLP, 03, SUP, 2025).

A hipótese que trouxemos para essa variável é a de que o *você* está mais propício a ocorrer com a referência genérica, o que se mostrou condizente com o resultado. Embora o total de ocorrências de *tu* tenha sido muito mais expressivo do que o de *você*, percebeu-se que os falantes, ao utilizarem o *você*, o preferem na modalidade genérica, tendo em vista que, das suas 17 ocorrências, apenas uma foi de referência específica.

#### 4.1.3 Sexo

Quanto à variável sexo, podemos observar os resultados na tabela a seguir.

**Tabela 5 – Uso dos pronomes *tu* e *você* quanto à variável Sexo**

<b>Sexo</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
Masculino	50/67 = 75%	17/67 = 25%	67/156 = 43%
Feminino	88/89 = 99%	1/89 = 1%	89/156 = 57%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 5 revela que as ocorrências de pronome de segunda pessoa foram maiores entre as mulheres do que entre os homens, talvez devido ao fato, conforme já explicado na metodologia, de que a amostra de 2025 ainda está em processo de constituição, o que causou um desequilíbrio de gênero entre os informantes, havendo mais mulheres do que homens. Os dados da tabela mostram que, por mais que ambos os gêneros tenham usado muito mais o pronome *tu* do que o *você*, houve uma maior preferência no uso de *tu* pelas mulheres, que usaram esse pronome em 99% dos casos e o *você* em apenas 1% dos casos. Já entre os homens, a diferença não foi tão discrepante, tendo estes usado o *tu* em 75% das ocorrências, e o *você* em 25% das ocorrências.

A hipótese que levantamos para essa variável estava ancorada nos estudos de Loregian-Penkal (2004), que indicavam que as mulheres apresentavam maior uso de *tu* do que os homens. De fato, os dados da amostra de 2025 corroboram a hipótese da autora, já que o *tu*, em Florianópolis, tem se mostrado bem mais recorrente entre as mulheres do que entre os homens, como ilustram os exemplos a seguir:

(22) *É, só duas meninas e um menino. É, é o total, né? E de lá pra cá, o que mudou na vida? Além de se aposentar, mudou o que mais? Na verdade... A cada dia que passa, você vê mudar muita coisa, né? É? Muita coisa. Hoje você... Antigamente, você tinha um problema de locomoção.* (FLP, 10, SUP, M, 2025).

(23) *Aí quando foi pra nascer, eu disse, eu vou, já sei, não vou gritar mais, eu vou fazer força. Mesma coisa, uma hora. Fui às sete, nasci às oito. Foi assim, rápido, foi tranquilo. E da minha filha, não, da filha, todas as duas. Eu levei ela pra maternidade, porque ela tem aquela coisa de... A médica disse, tu vai ficar.* (FLP, 11, GIN, F, 2025).

(24) ... *Tem final de semana que é meu, como tu viu naquele dia. E durante a semana, tipo, hoje à tarde, eu vou ficar com ela também. Então, quer dizer, se eu estivesse trabalhando, seria muito difícil.* (FLP, 04, SEG, F, 2025).

#### 4.1.4 Idade

Para a variável idade, podemos observar, na Tabela 6, que os informantes do grupo A usaram apenas o *tu* entre todas as ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular, ao passo que os informantes do grupo B usaram o *tu* em 77% das ocorrências e o *você* em 23% das ocorrências, confirmando uma das hipóteses apresentadas por Loregian-Penkall (2004), que constatou que, por mais que os mais velhos ainda permaneçam preferindo o *tu*, a variação com o *você* nessa faixa é mais saliente.

**Tabela 6 – Uso dos pronomes *tu* e *você* quanto à variável Idade**

<b>Idade</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
De 25 a 50 anos (A)	76/76 = 100%	0/76 = 0%	76/156 = 49%
Mais de 50 anos (B)	62/80 = 77%	18/80 = 23%	80/156 = 51%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Outra hipótese que havíamos levantado – e que ia na contramão da apresentada por Loregian-Penkall (2004) – consistia em encontrar um maior uso de *tu* no grupo B, pois, como *tu* se constitui como a forma mais antiga e o *você* a forma mais nova, partimos do pressuposto de que pessoas mais velhas poderiam conservar na sua fala as formas mais antigas, o que aparentemente não está de acordo com os dados analisados. Os resultados talvez revelem que, à medida em que as pessoas ficam mais velhas, tendem a monitorar mais o pronome de segunda pessoa quanto à adequação ao seu interlocutor.

Seguem dados que ilustram a variável controlada:

(25) *Basta ir aqui em Galopar pra você ver que são gaúchos.* (FLP, 10, SUP, B, 2025).

(26) *Eu acho que diversidade, assim, né, é um ponto interessante, né, porque tu acaba tendo contato com outras culturas, outros costumes.* (FLP, 03, SUP, A, 2025).

(27) *Agora tô pensando em entrar com o perfume árabe. Mas eu tenho muito medo, porque a fixação do perfume não é muito boa. Tu coloca, daí não dura assim o dia todo.* (FLP, 06, GIN, A, 2025).

#### 4.1.5 Escolaridade

Quanto à variável escolaridade, como havíamos tratado na metodologia, é a estratificação de maior desequilíbrio entre os perfis de informantes da amostra de 2025. Podemos observar os resultados na tabela abaixo.

**Tabela 7 – Uso dos pronomes *tu* e *você* quanto à variável Escolaridade**

<b>Escolaridade</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
Ginásio (GIN)	17/17 = 100%	0/17 = 0%	17/156 = 11%
Segundo Grau (SEG)	56/57 = 98%	1/57 = 2%	57/156 = 36%
Superior (SUP)	65/82 = 79%	17/82 = 21%	82/156 = 53%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Na Tabela 7, chama a atenção o fato de que as ocorrências de pronome P2 não foram proporcionais à quantidade de informantes em cada grupo: o grupo GIN, que possui apenas dois informantes, foi responsável por 11% do total de ocorrências, já o grupo SEG, que é o grupo com a maior quantidade de informantes concentrados, isto é, seis informantes, representou 36% do total das ocorrências de P2, e o grupo SUP, com quatro informantes, foi o que liderou, abarcando 53% do total das ocorrências de *tu* e *você* na amostra.

Os dados indicam que o grupo GIN não usou *você* em nenhum momento, sendo todas as suas ocorrências unicamente de *tu*. Já o grupo SEG utilizou *tu* em 98% de suas ocorrências, contra apenas 2% de uso de *você*. Por último, o grupo SUP foi o que mais usou *você* entre todos os grupos de escolaridade, com 21% das ocorrências de *você* e 79% de *tu*.

Quanto às hipóteses levantadas para essa variável, a primeira que averiguamos foi a de Loregian-Penkall (2004), que sustentava que, na cidade de Florianópolis, a escolaridade influencia no uso dos pronomes de segunda pessoa, indicando um aumento no uso do *tu* e consequentemente um decréscimo no uso de *você* à proporção que os falantes aperfeiçoavam

seu grau de instrução escolar. No entanto, os dados da amostra de 2025 indicam o contrário: embora as ocorrências de *tu* tenham sido mais abundantes nos grupos com maior escolaridade – muito por conta do desequilíbrio entre a quantidade de informantes em cada grupo – o uso de *você* foi mais acentuado na fala de informantes de maior escolaridade, o que, em tese, não deveria acontecer, como se vê nos exemplos retirados da amostra de 2025:

(28) *É, só duas meninas e um menino. É, é o total, né? (...) Na verdade... A cada dia que passa, você vê mudar muita coisa, né? É? Muita coisa. Hoje você... Antigamente, você tinha um problema de locomoção.* (FLP, 10, SUP, 2025).

(29) *E aí as recepcionistas disseram pra mim “é, tu tá grávida, mas é um bebê negativo”. Como assim um bebê negativo? Daí nisso vem um senhor, um homem barbudo...* (FLP, 08, SEG, 2025).

(30) ... *Tu vai lá na igreja rezar pra ele, porque se ele morrer, a gente tem que ver o que vai acontecer contigo depois...* (FLP, 06, GIN, 2025).

Ainda assim, a hipótese de Loregian-Penkal (2004) pode, em partes, explicar a recorrência disparada do pronome *tu* frente ao uso ínfimo do *você*: durante a entrevista, os informantes sabiam que estavam sendo entrevistados por professores e estudantes da UFSC, o que pode tê-los levado a adequar a sua fala à de um interlocutor mais escolarizado, desencadeando um uso maior de *tu*, como previa a hipótese da autora.

Outra hipótese que levantamos foi a de que o pronome que carregasse mais prestígio seria mais abundante na fala de pessoas mais escolarizadas, ao passo que aquele que carregasse mais estigma, seria mais recorrente na fala de pessoas menos escolarizadas. No entanto, como não nos pareceu evidente que os pronomes *tu* e *você* fossem dicotômicos quanto a valores de prestígio, recorreremos à autoavaliação dos falantes para averiguar essa questão. Alguns informantes reconheceram que usam o *você* com pessoas com quem eles têm mais respeito ou menos intimidade, ainda que a maioria desses informantes não tenha utilizado nenhuma vez o *você* durante as entrevistas, como se constata nos exemplos retirados da amostra analisada:

*Eu uso tu, eu não uso você, eu só uso você quando realmente eu não tenho muita intimidade com a pessoa, porque tem pessoas que se ofendem quando tu trata por tu, né? Não, é você, senhora, não sei o que. Se eu vou atender um cliente que eu não tenho nenhuma intimidade, é você que eu tento me policiar, mas eu acabo fazendo a conjugação do tu.* (FLP, 03, 2025).

Outros informantes também relataram que usam mais o *você* diante de pessoas consideradas intelectuais e de pessoas socioeconomicamente mais bem posicionadas. Ainda assim, os informantes, na sua maioria, não mencionaram explicitamente que consideram o *tu* ou *você* como formas “feias/bonitas”, “agradáveis/deselegantes”, ou, até mesmo, “certas/erradas”, o que conseqüentemente dificultou a confirmação ou rejeição dessa hipótese para a nossa análise:

[Entrevistador: Você utiliza qual?] *Ah, eu, geralmente, eu uso mais tu. Você é bem difícil.* [Entrevistador: em que situações você usa o você?] *Quando a pessoa é mais fina.* [Entrevistador: Você escolhe o você quando a pessoa é mais fina?]. *É, você, supor, a Novanize aqui, né? Eu digo pra ela assim, né? Deus, a Novanize não tem coragem de ficar muito com a senhora, não. Você tá me chamando de senhora?. Ah, então você me desculpa? Não vou falar, tu me desculpa. Porque ela já é uma pessoa mais, né? (...)* *Nossa, eu tenho um respeito por ela.* [Entrevistador: Ah, então você associa esse você ao respeito] *É. É você, a senhora.* (FLP, 06, 2025).

#### 4.2 Amostra

Como já explicado anteriormente nas Seções 2 e 3, a mudança em tempo real compreende a análise do comportamento linguístico dos falantes ao longo de um certo intervalo de tempo, e os estudos de painel são realizados a partir do acompanhamento desses mesmos falantes ao longo do tempo, dinâmica com a qual foi possível de se trabalhar na presente pesquisa, visto que os informantes das amostras manipuladas são os mesmos. Assim, ao longo desta subseção, exploraremos de que modo ocorreu a variação entre *tu* e *você* na fala individual dentro do intervalo compreendido entre a primeira amostra (Base ou Jovens), da década de 1990, e a segunda amostra, ainda em constituição no ano de 2025.

**Tabela 8 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala do Informante 1**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	4/4 = 100%	0/0 = 0%	4/4 = 100%
2025	13/13 = 100%	0/0 = 0%	13/13 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Como se percebe pela Tabela 8, o comportamento do Informante 1 quanto à fala permaneceu o mesmo passados os 30 anos, com 100% das ocorrências sendo unicamente de *tu* em ambas as amostras. Assim, fatores de ordem social, como a idade, que previa uso maior de *você* entre pessoas do grupo B segundo Loregian-Penkal (2004), e o contato maior com pessoas não nativas que vêm residir em Florianópolis e que trazem no seu vernáculo um uso mais acentuado e recorrente de *você* não foram o suficiente para despertar o uso de tal pronome na fala desse informante. Cabe mencionar que, como vimos, a hipótese de Loregian-Penkal (2004) estipulava, para Florianópolis, a prevalência do *tu* na fala de pessoas com maior escolaridade. Assim, levando-se em conta que o Informante 1 saiu do grupo SEG para o SUP, tal mudança no grau de instrução pode ter reforçado e estimulado ainda mais o uso do *tu* em sua fala. No entanto, durante a dinâmica da autoavaliação, o informante reconheceu que tem usado o *você* atualmente:

*Uma coisa interessante que eu já notei isso, assim, quando eu era mais jovem, usava-se muito o tu, né? E hoje, eu acabo usando mais o você. E esse eu acho que é uma das características de estar convivendo, né? Com outras culturas ali, enfim, a mistura, né? Eu uso mais você (...) tem algumas ocasiões que usa o tu também (...) Eu achava tão estranho [o pronome você], quando eu era jovem, que eu ouvia, assim, alguém que falava assim, ah, eu já sabia que ele não é daqui, né? (FLP, 01, 2025).*

**Tabela 9 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala do Informante 2**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
1990	32/35 = 91%	3/35 = 9%	35/35 = 100%
2025	7/7 = 100%	0/0 = 0%	7/7 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 9 mostra que o Informante 2, em 1990, usou o *você* em 9% do total de ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular, já em 2025, todas as ocorrências foram apenas de *tu*. Os dados, de certa forma, seguem o previsto por uma das hipóteses de Loregian-Penkal (2004), que reconhece que o *tu* vai se tornando mais recorrente na fala à medida que o

informante muda sua escolaridade, que foi o caso do informante, que saiu do grupo PRI para o grupo SEG. Apesar de *você* não ter ocorrido na sua fala da amostra de 2025, isso não significa que o informante não utilize mais o pronome, pois ele próprio reconheceu, durante a dinâmica da autoavaliação, que ainda utiliza *você* em situações específicas, como nos casos em que se exige maior respeito com o interlocutor:

*É, você é um pouco mais, vamos dizer assim, uma palavra assim que, é um pouco mais de educação, né, mais de respeito, né. Agora, tu, né, só se tu vai lá, se tu viesse aí, é outra, né, mas você acho que é uma palavra de mais respeito, mais de educação. (...) É, eu uso mais você, né, com respeito pela pessoa, pela idade, isso e aquilo, né, mas em questão da amizade, aí já é a gurizada, tu vai lá, depois eu vou, né, mas em questão é mais ou menos isso. (FLP, 02, 2025).*

**Tabela 10 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 3**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	27/27 = 100%	0/0 = 0%	27/27 = 100%
2025	38/38 = 100%	0/0 = 0%	38/38 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 10 aponta que a Informante 3, assim como o Informante 1, não manifestou usos de *você* nem na década de 1990 e nem em 2025. A mesma hipótese de Loregian-Penkall (2004) que serviu para explicar a não ocorrência de *você* pelo Informante 1 pode ser trazida aqui outra vez: o *tu* se torna mais recorrente à medida que o falante muda seu grupo de escolaridade, então, considerando que a Informante 3 saiu do grupo PRI para o grupo SUP, tal fato pode ter reforçado ainda mais o uso de *tu* em sua fala. Quanto à autoavaliação, a informante reconheceu que usa na maioria dos casos apenas o *tu*, reservando o *você* para situações específicas:

*Eu uso tu, eu não uso você, eu só uso você quando realmente eu não tenho muita intimidade com a pessoa, porque tem pessoas que se ofendem quando tu trata por tu, né? Não, é você, senhora, não sei o que. Se eu vou atender um cliente que eu não tenho*

*nenhuma intimidade, é você que eu tento me policiar, mas eu acabo fazendo a conjugação do tu.* (FLP, 03, 2025).

**Tabela 11 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 4**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	5/5 = 100%	0/0 = 0%	5/5 = 100%
2025	21/21 = 100%	0/0 = 0%	21/21 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Semelhante aos dados obtidos via mudança em tempo real pelos Informantes 1 e 3, a Informante 4 também não usou *você* nem na entrevista da década de 1990 e nem na realizada em 2025. No entanto, diferentemente dos outros informantes já mencionados, a Informante 4 não mudou de escolaridade passados os 30 anos entre as amostras, permanecendo no grupo SEG, fato que dificulta saber qual hipótese exatamente poderia explicar a não ocorrência de *você* na fala da Informante, já que a hipótese de Loregian-Penkall (2004) previa um uso mais regular e recorrente de *você* entre os informantes do grupo B, que é o grupo no qual a Informante 4 que se encontra. Entre as demais hipóteses já mencionadas ao longo do trabalho, discutimos na metodologia que uma hipótese – que foi considerada fraca – previa o uso mais recorrente de *tu* na fala de pessoas mais velhas e uso de *você* na fala de pessoas mais jovens, pois as formas mais inovadoras – como é o caso de *você* – ocorreriam com mais frequência entre os mais jovens. Além disso, Loregian-Penkall (2004) já havia apresentado dados que corroboravam a ideia de que o *tu* é mais frequente na fala de mulheres no que na de homens, e, já que a informante é mulher, talvez a hipótese esteja de alguma forma relacionada com as suas ocorrências pronominais. Mais uma vez, recorreremos à autoavaliação para averiguar se a informante nos concede pistas sobre seus usos de pronome P2. Segundo ela, o *tu* é preferível em seu discurso, e acha estranho usar *você*, embora acredite que, dentro de um espectro mais normativo, o *você* seja mais adequado do que o *tu*:

*Pra mim tem [tu e você o mesmo significado], mas não é, né? Porque aqui a gente trata muito tu. Ah, tu fizesse isso, tu fizesse aquilo. A gente chama todo mundo de tu. Eu falo*

*tu. Aí quando eu vou escrever no Whatsapp, aí eu penso assim, porra, agora eu posso dizer tu, aí eu boto você. Com as minhas amigas mais íntimas, eu acho estranho escrever você. Porque é tu, é tu. Ah, tu fizeste isso, tu fizeste aquilo. (...) Porque acho que pelo português tá errado, né? (...) A senhora [para pessoas mais velhas] Não vai chamar de tu. Não. Ah, é falta de educação, como diziam aí. Senhora. Não é uma coisa assim, as crianças agora já estão ouvindo você. Mas nós era muito tu. Se fosse uma senhora, jamais era tu. A mãe repreendia que não era tu. Era a senhora. (FLP, 04, 2025).*

**Tabela 12 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 5**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
1990	24/25= 96%	1/25 = 4%	25/25 = 100%
2025	7/7 = 100%	0/0 = 0%	7/7 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 12 traz as ocorrências de *tu* e *você* na fala da Informante 5: em 1990, foi localizada uma única ocorrência de *você*, que representou 4% do total das ocorrências de P2 contra 96% de ocorrências de *tu*, já em 2025 não foram registradas ocorrências de *você*. Aqui, é oportuno trazer a hipótese de Loregian-Penkall (2004), que afirma que os falantes de Florianópolis usam menos *você* à medida que vão progredindo entre os grupos de escolaridade. Então, considerando que a informante saiu do grupo GIN para o grupo SUP, tal fato pode explicar a não ocorrência de *você* na sua fala em 2025. Na autoavaliação, a informante reconheceu que utiliza apenas *tu*:

*(...) Por exemplo, tu e o você. Se tu tá convivendo com alguém que fala você, tu vai lá e fala o você também. Não, zero. Eu sou zero nisso. Zero. (...) Eu não me influencio em nada. (...) Só uso tu. Só uso tu. Nada contra, mas é porque é meu sotaque, né? (FLP, 05, 2025).*

**Tabela 13 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala do Informante 6**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	4/4 = 100%	0/0 = 0%	4/4 = 100%
2025	7/7 = 100%	0/0 = 0%	7/7 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Seguindo o mesmo caso já discutido com os Informantes 1 e 3, a Tabela 13 mostra que, tanto na década de 1990 quanto no ano de 2025, não foram localizadas ocorrências de *você* na fala do Informante 6, fazendo o *tu* liderar em 100% delas. Mais uma vez, considerando a mudança de grupo de escolaridade do Informante 6 de PRI para GIN dentro do intervalo de 30 anos entre as duas amostras, a hipótese de Loregian-Penkal (2004), que indica que *você* vai ocorrendo cada vez menos à medida que o falante progride de nível de escolaridade, se torna relevante para a discussão. Durante o momento de autoavaliação, o Informante 6 revelou que usa mais *tu* e raramente usa *você*, reservando o *você* apenas para quando se está diante de pessoas mais velhas e superiores socioeconômica e intelectualmente:

[Entrevistador: Você utiliza qual?] *Ah, eu, geralmente, eu uso mais tu. Você é bem difícil.* [Entrevistador: em que situações você usa o *você*?] *Quando a pessoa é mais fina.* [Entrevistador: Você escolhe o *você* quando a pessoa é mais fina?]. *É, *você*, supor, a Novanize aqui, né? Eu digo pra ela assim, né? Deus, a Novanize não tem coragem de ficar muito com a senhora, não. Você tá me chamando de senhora?. Ah, então você me desculpa? Não vou falar, tu me desculpa. Porque ela já é uma pessoa mais, né? (...)* *Nossa, eu tenho um respeito por ela.* [Entrevistador: Ah, então você associa esse *você* ao respeito] *É. É *você*, a senhora.* (FLP, 06, 2025).

**Tabela 14 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 7**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	5/5 = 100%	0/0 = 0%	5/5 = 100%
2025	2/3 = 67%	1/3 = 33%	3/3 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 14 aponta as ocorrências de *tu* e *você* na fala da Informante 7: em 1990, não foi localizada nenhuma ocorrência de *você*, já em 2025 foi localizada uma única ocorrência de *você*, que representou 33% do total das ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular. Considerando que a informante saiu do grupo A para o B no tocante à idade, mas se manteve no mesmo grupo de escolaridade (SEG), a hipótese mais provável que pode explicar o uso de *você* em 2025 é aquela apresentada por Loregian-Penkall (2004) para a variável Idade, que indica um uso mais recorrente de *você* entre as pessoas que estão no grupo B. Ainda assim, a autoavaliação forneceu informações importantes quanto ao uso dos pronomes de segunda pessoa pela informante. Abaixo se encontra um trecho retirado de sua entrevista:

*Eu utilizo tu* [Entrevistador: a senhora não usa você?] *Poucas vezes.* [Entrevistador: e tem em alguma situação específica ou com aquela pessoa específica que a senhora vai usar o você? Ou sai assim, sem pensar?] *Sai assim, é. geralmente eu falo tu.* [Entrevistador: Então na maioria das vezes é sempre o tu?] *É.* (FLP, 07, 2025).

**Tabela 15 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 8**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	26/26 = 100%	0/0 = 0%	26/26 = 100%
2025	9/9 = 100%	0/0 = 0%	9/9 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Observamos, na Tabela 15, que a Informante 8 não manifestou usos de *você* nem na década de 1990 e nem em 2025, acarretando 100% de ocorrências de *tu* em ambas as amostras. Como a escolaridade da informante permaneceu a mesma, acreditamos que a variável Sexo esteja influenciando no uso recorrente e único de *tu* pela informante, já que uma das hipóteses de Loregian-Penkall (2004) indica que as mulheres preferem mais o *tu*. Na autoavaliação, a Informante 8 diz usar o *você* em contextos em que se sente influenciada pela fala da família do marido, que, por vir de outra região, usa mais o *você*:

[Entrevistador: em relação a falar tu e você, tu achas que tu e você tem o mesmo significado? Tu usas as duas formas?] *Uso as duas formas.* [Entrevistador: e tu sabes quando tu usas uma, quando tu usas outra?] *Eu usava muito o tu enquanto não estava com o meu marido e a família dele. A família dele, eles são paulistas. E, quer dizer, os irmãos dele são todos paulistas. A mãe é libanesa e o pai é descendente de italiano. São lá de Urussanga, né? E, então, ficou... eles usam muito o você. Então, dependendo do assunto aonde eu estou, às vezes escapam um você.* [Entrevistador: E aqui no trabalho?] *Tu!* [Entrevistador: para os clientes ... para o pessoal que trabalha contigo, tu usas da mesma forma?] *Daí depende do tipo de respeito que tem que ter, né? Mas daí eu vou tratar como senhora, senhora...* [Entrevistador: por que tu achas que entre tu e você tem alguma diferença em relação a respeito?] *É que eu não sei se eu me dirijo a algum deles. Se for, por exemplo, o meu diretor, né? Eu chamo de senhor, no meio da conversa não sei se me escapa o tu.* (FLP, 08, 2025).

**Tabela 16 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 9**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	8/8 = 100%	0/0 = 0%	8/8 = 100%
2025	1/1 = 100%	0/0 = 0%	1/1 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 16 expressa o uso exclusivo de *tu* pela Informante 9 tanto na entrevista da década de 90 quanto na de 2025. Como temos visto, o uso de apenas *tu* nas duas amostras tem se tornado recorrente entre boa parte dos informantes. Mais uma vez, considerando o progresso na educação formal da Informante 9 e o fato de ela ser mulher, todos estes são fatores que, segundo as hipóteses já vistas de Loregian-Penkak (2004), despertam maior uso de *tu*. É oportuno destacar que, durante a autoavaliação, a Informante 9 reconheceu usar apenas *tu* para qualquer pessoa e em qualquer situação sociocomunicativa, não admitindo o uso de *você* em sua fala:

[Entrevistador: e que você acha do tu e você. Acha que tem o mesmo significado?] *Perante o português não, né? Ou tem? Agora? É, eu acho que sim, né?* [Entrevistador:

e o que que tu usa?] *Tu*. [Entrevistador: Tu usa o tu?] *É* [Entrevistador: aí, pra qualquer pessoa?] *Pra qualquer coisa*. [Entrevistador: *É*, até... Pensa assim, ah, pra uma tia, pra uma... ] *Tudo*. [Entrevistador: Uma senhora, uma criança]... *Tudo. Uhum. Tudo*. (FLP, 09, 2025).

**Tabela 17 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala do Informante 10**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)</b>	<b>Total</b>
1990	6/8 = 75%	2/8 = 25%	8/8 = 100%
2025	7/24 = 29%	17/24 = 71%	24/24 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 17 indica os usos dos pronomes de segunda pessoa do singular do Informante 10, que foi o único entrevistado que usou o *você* tanto na entrevista da década de 1990 quanto na do ano de 2025. Os demais informantes usaram *você* ou só na década de 1990 ou só em 2025. Além disso, este foi o único informante que usou mais o *você* do que o *tu* durante a entrevista em 2025, como se percebe pelos dados da tabela, em que 71% do total das ocorrências foram de *você*, contra 29% de ocorrências de *tu*. Como o informante saiu do grupo A para o grupo B durante o intervalo de 30 anos entre as amostras, a hipótese que pode justificar a manutenção do *você* na fala do informante é a aquela apresentada para a variável Idade por Loregian-Penkall (2004), que indica que os falantes da faixa de mais de 50 anos usam mais o *você* do que os falantes mais jovens. Durante a autoavaliação, o informante mencionou não ver muita diferença de uso e significado entre *tu* e *você*, e acredita que os mais novos estão usando mais o *você* e os mais velhos o *tu*, embora nossa hipótese forte reconheça maior uso de *você* entre os mais velhos:

(...) *acredito que sim* [que ambos os pronomes têm o mesmo significado], *principalmente as crianças hoje. Eu tenho minha neta que ela usa muito ... o tu ou o você. Mas geralmente é o tu*. (FLP, 10, 2025).

**Tabela 18 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da Informante 11**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	3/3 = 100%	0/0 = 0%	3/3 = 100%
2025	10/10 = 100%	0/0 = 0%	10/10 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Seguindo a tendência já vista na fala de outros informantes, a Informante 11, a partir dos dados presentes na Tabela 18, não usou o pronome *você* nem na entrevista da década de 1990 nem na de 2025. A informante manteve o mesmo grau de escolaridade, porém, quanto à idade, saiu do grupo A para o grupo B, o que, segundo as hipóteses de Loregian-Penkall (2004) para as variáveis Idade e Escolaridade, poderia desencadear alguma ocorrência de *você*, o que não ocorreu. Sendo assim, acreditamos que, por a informante ser mulher, seu gênero esteja sendo responsável pela manutenção do pronome *tu* em sua fala, como já visto na hipótese apresentada por Loregian-Penkall (2004) para a variável Sexo, que prevê uso mais recorrente de *tu* entre as mulheres. Na autoavaliação, a Informante 11 reconheceu que usa apenas *tu*, acreditando que apenas os mais jovens e moradores não nativos usam *você* em Florianópolis:

[Entrevistador: A senhora usa mais tu ou mais você?] *Uso tu.* [Entrevistador: E acha que é a mesma coisa? Ou é típico de algum lugar?] *Eu não sei por quê. Ou é tu, né? Tu é, ou a senhora, mas você não. As crianças que são das creches, das coisas que chamam você, né? Mas a gente é tu. Só quando quem é de São Paulo, que tá pra cá, que chama de você. Mas aqui tudo é tu.* (FLP, 11, 2025).

**Tabela 19 – Uso dos pronomes *tu* e *você* na fala do Informante 12**

<b>Amostra</b>	<b>Pronome <i>tu</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Pronome <i>você</i></b> (Aplicação/Total=%)	<b>Total</b>
1990	17/17 = 100%	0/0 = 0%	17/17 = 100%
2025	16/16 = 100%	0/0 = 0%	16/16 = 100%

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Por fim, a Tabela 19 apresenta a análise dos dados do uso de *tu* e *você* do último informante da amostra de 2025. Como tem sido contumaz na fala dos demais informantes florianopolitanos analisada nesta seção, 100% das ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular foram unicamente de *tu* na fala do Informante 12 tanto na amostra de 1990 quanto na de 2025. Considerando que o informante é homem, saiu do grupo 0 para o grupo A e manteve o mesmo grau de escolaridade passados os 30 anos entre a primeira e a segunda amostra, as hipóteses aqui apresentadas não conseguem apontar o porquê da não ocorrência de nenhum uso de *você*, pois a ideia até então era a de que o sexo masculino e o envelhecimento funcionassem como fatores que despertam o uso de *você* na fala. Entretanto, durante a autoavaliação, o informante reconheceu usar o *você* em certas situações:

[Entrevistador: cê usa o tu ou o você ao se referir a outro?] *Eu uso o você.* [Entrevistador: Você? Um manezinho de você. Como? E quando?] *É. Pra mim é a mesma coisa.*  
 [Entrevistador: O significado é de segunda pessoa?]. *É, de segunda pessoa.*  
 [Entrevistador: mas, quando que a segunda pessoa sai?] *Às vezes sai tu também. Ah. Tu vai fazer?* [Entrevistador: E esse tu... Mas, assim, quando a gente pensa em termos de significado, não de segunda pessoa, mas significado social. Cê usa tu pra todo mundo ou você escolhe o você pra algumas pessoas e o tu pra outras?] *Eu acho que nesse nesse caso, eu acho que acaba mudando sim.* [Entrevistador: É, e como é que você... A quem você diria? Não, eu uso o tu pra esse ou você pra esse?] *Provavelmente o você acaba saindo pra alguém que eu não conheço, de repente. (...) E agora, perguntando, pensando no que foi, provavelmente isso.* [Entrevistador: E em casa, com a família, com a esposa, com a filha?] *É, já tira o tu.* (FLP, 12, 2025).

Para finalizar, trazemos a Tabela 20 com os dados de *tu* e *você* nas décadas de 1990 e de 2025 pelos doze informantes para que tenhamos uma visão geral do uso.

**Tabela 20 – Uso dos pronomes *tu* e *você* nas Amostras de 1990 e 2025**

Inf.	Amostra 1990 Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)	Amostra 1990 Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)	Amostra 2025 Pronome <i>tu</i> (Aplicação/Total=%)	Amostra 2025 Pronome <i>você</i> (Aplicação/Total=%)
1	4/4 = 100%	0/0 = 0%	13/13 = 100%	0/0 = 0%
2	32/35 = 91%	3/35 = 9%	7/7 = 100%	0/0 = 0%
3	27/27 = 100%	0/0 = 0%	38/38 = 100%	0/0 = 0%
4	5/5 = 100%	0/0 = 0%	21/21 = 100%	0/0 = 0%
5	24/25 = 96%	1/25 = 4%	7/7 = 100%	0/0 = 0%
6	4/4 = 100%	0/0 = 0%	7/7 = 100%	0/0 = 0%
7	5/5 = 100%	0/0 = 0%	2/3 = 67%	1/3 = 33%

<b>8</b>	26/26 = 100%	0/0 = 0%	9/9 = 100%	0/0 = 0%
<b>9</b>	8/8 = 100%	0/0 = 0%	1/1 = 100%	0/0 = 0%
<b>10</b>	6/8 = 75%	2/8 = 25%	7/24 = 29%	17/24 = 71%
<b>11</b>	3/3 = 100%	0/0 = 0%	10/10 = 100%	0/0 = 0%
<b>12</b>	17/17 = 100%	0/0 = 0%	16/16 = 100%	0/0 = 0%

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de fazer um estudo da mudança linguística em tempo real envolvendo a variação dos pronomes *tu* e *você* na fala presente no espaço urbano da cidade de Florianópolis. Embora já haja muitas pesquisas sociolinguísticas, principalmente as realizadas pelos pesquisadores vinculados ao VARSUL, que lidam com essa variação pronominal na cidade, boa parte delas apresenta resultados que levam em conta os dados obtidos pela amostra constituída na década de 1990.

Passados mais de 30 anos desde a primeira amostra, suspeitamos que o comportamento linguístico dos manezinhos mudou ao longo desse tempo, primeiramente porque a mudança faz parte da própria natureza da língua, e segundo porque balanceamos diversas transformações urbanas pelas quais Florianópolis passou nos últimos tempos, como, por exemplo, a verticalização do espaço e a chegada à Ilha de milhares de pessoas que vieram dos mais diferentes cantos do Brasil, conforme apontam os dados do IBGE (2025), em que aproximadamente 40% da população total de Florianópolis não é nativa. Todos esses fatos e acontecimentos podem ter potencializado ou estimulado, de alguma forma, uma mudança linguística dentro da comunidade de fala, fazendo emergir a necessidade de se estabelecer uma nova amostra, com novas entrevistas que viabilizem um estudo da mudança em tempo real.

Sendo assim, optamos por estudar, a partir da coleta de dados de uma nova amostra, a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, porque parece evidente que o paradigma pronominal de Florianópolis, que sempre teve o *tu* como pronome *standard*, poderia estar em processo de mudança na língua dos nativos, principalmente se levarmos em conta o fato de que muitas pessoas não nativas que vêm residir na Ilha carregam em seu vernáculo o *você* como a única forma para se referir ao seu interlocutor.

A parte mais desafiadora da pesquisa foi, sem dúvidas, acompanhar a constituição da nova amostra, que começou em meados de 2025 e tem a expectativa de ser finalizada no ano de 2026. Como já explicado na Seção 3, a amostra seguiu os procedimentos metodológicos previstos em Knies e Costa (1995), em que os informantes são estratificados a partir de três variáveis: Sexo, Idade e Escolaridade. Essas variáveis geraram 12 perfis diferentes de informantes, levando ao total de 24 informantes necessários, já que o ideal é ter dois informantes para cada perfil requerido.

Por deliberação dos pesquisadores do VARSUL, as atividades para o estabelecimento da nova amostra se concentraram primeiramente no recontato, isto é, o reencontro com os mesmos informantes da primeira amostra para uma possível nova entrevista. Como as fichas sociais dos informantes da Amostra Base careciam de informações pessoais, como endereço, telefone e nome completo, dificultando a localização destes, tivemos de recorrer a uma outra amostra que foi engendrada na mesma época: a Amostra Jovens. Com duas amostras à disposição, que juntas totalizam 48 informantes, expandimos o número de informantes que poderíamos recontatar. Como a primeira etapa da constituição da amostra se concentrou apenas no recontato, e como essa etapa ainda não havia terminado até a conclusão deste trabalho, todos os informantes com o qual trabalhamos são os mesmos das amostras da década de 1990, alguns da Amostra Base e outros da Amostra Jovens, totalizando 12 informantes até o momento para a Amostra 2025.

Instituídas as amostras, coletamos as ocorrências de *tu* e *você* nas entrevistas da década de 1990 e do ano de 2025 dos 12 informantes, totalizando 24 entrevistas analisadas. Na primeira amostra, localizamos 167 ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular, sendo 161 de *tu*, representando 96% do total das ocorrências, e apenas 6 de *você*, abarcando 4% das ocorrências. Já para a amostra de 2025, foram encontradas 156 ocorrências de P2; desse total, 138 ocorrências foram de *tu*, com 88% do total de ocorrências, e 18 foram de *você*, que abarcou 12% do total das ocorrências. Como resultado da análise, percebemos que, por mais que o pronome *você* tenha sido mais recorrente em 2025 do que na década de 1990, com um aumento de 8%, o *tu* continua sendo o principal pronome de segunda pessoa do singular na cidade de Florianópolis.

Além disso, analisamos a variação de *tu* e *você* a partir de certas variáveis independentes e atribuímos hipóteses a cada uma. Quanto às variáveis linguísticas, optamos pelo preenchimento e referência do pronome. No primeiro caso, a nulidade ocorreu em 94% dos casos com *tu* contra 6% de *você*, corroborando a hipótese de Loregian-Penkall (2004) que afirmava que o *tu* está mais propício à nulidade por poder ser recuperado a partir da desinência verbal do verbo, recurso morfossintático que não está disponível para o *você*. Para a referência, a modalidade genérica ocorreu em 82% dos casos com *tu*, e 18% com *você*. Já na modalidade específica, *tu* abrangeu 98% das ocorrências, e *você* 2%. Embora, para ambos os pronomes, houve a nítida preferência pela genericidade, fato possivelmente influenciado pelo gênero entrevista, a hipótese levantada era a de que o *você* é preferível na modalidade genérica, o que se mostrou verdadeiro, tendo em vista a alta porcentagem de ocorrências de *você* genérico.

Para as variáveis extralinguísticas, optamos pelas mesmas já escolhidas para a estratificação dos informantes da amostra: sexo, idade e escolaridade. Quanto ao sexo, a amostra de 2025 evidenciou que as mulheres usaram o *tu* em 99% dos casos, contra 75% do uso desse mesmo pronome pelos homens. Tal dado confirmou a hipótese apresentada para o sexo de Loregian-Penkal (2004) de que as mulheres dão preferência ao uso de *tu*. Para a variável idade, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *você* na fala dos informantes do grupo A (de 25 a 50 anos), o que fez com que todas as ocorrências do pronome *você* se concentrassem no grupo B (mais de 50 anos). Mais uma vez, os dados estiveram de acordo com a hipótese da autora: falantes do grupo B tendem a usar mais o *você* do que os falantes do grupo A (Loregian-Penkal, 2004). A escolaridade, durante a nossa análise, se mostrou uma variável problemática, porque foi a que mais apresentou desequilíbrio entre os informantes: quatro no grupo SUP, seis no grupo SEG e dois no grupo GIN. Apesar da assimetria, conseguimos observar que os falantes, embora tenham usado predominantemente o pronome *tu*, usam mais o *você* à medida que progridem entre os níveis de escolaridade, dado que contraria a hipótese de Loregian-Penkal (2004), que havia constatado que em Florianópolis os falantes mais escolarizados usam menos o *você*.

Por último, lidamos com a variável amostra, que controlou e analisou o comportamento linguístico individualmente de cada informante ao comparar as ocorrências de P2 na amostra da década de 1990 e na de 2025 por meio dos estudos de painel em tempo real. Para mais da metade dos 12 informantes, a variação pronominal foi categórica: 100% de todas as ocorrências de P2 foram unicamente de *tu*, tanto na amostra da década de 1990 quanto na amostra de 2025. A partir dessa análise, argumentamos que, como boa parte desses informantes mudou de grupo de escolaridade no intervalo de 30 anos, e levando em conta que informantes mais escolarizados usam mais *tu* segundo Loregian-Penkal (2004), essa variável estava de alguma forma reforçando ainda mais o uso de *tu* em sua fala. Para as informantes mulheres, argumentamos também que o sexo estimulou o uso de *tu*, pois os resultados de Loregian-Penkal (2004) previam para essa variável uso mais recorrente de *tu* entre as mulheres do que entre os homens.

Como estratégia para aprofundar a análise individual da fala dos informantes, recorreremos à autoavaliação, que foi uma dinâmica realizada durante as entrevistas em que os entrevistados participaram de testes de percepção sobre seus próprios usos linguísticos, sendo instigados a comentar, inclusive, se eles notavam diferença no uso e significado de *tu* e *você*. A maioria dos informantes reconheceu que usa apenas *tu* na maior parte dos casos, reservando o *você* para contextos específicos, como, por exemplo, ao estar diante de uma pessoa com quem

não se tem muita intimidade ou em situações que exigem maior respeito ou formalidade discursiva. Nenhum informante mencionou que usa *você* de modo único ou predominante.

Na seção 3, trouxemos o mapeamento feito por Scherre *et al.* (2015) sobre o uso de P2 no PB, que apresentava seis subsistemas a depender da variação entre *tu* e *você* e da concordância verbal com o *tu*. Para Florianópolis, os autores localizaram a cidade no subsistema (iii): mais *tu* e concordância alta com o *tu*. Pelos resultados que obtivemos com a presente pesquisa, de fato o *tu* continua sendo o pronome *standard* para se referir ao interlocutor, o que acende um alerta para uma possível permanência da variedade florianopolitana de língua nesse subsistema. Embora a concordância não tenha sido o tema central do trabalho, uma análise superficial do fenômeno a partir dos dados obtidos pelas amostras permitiu observar que os nativos da cidade ainda realizam – não em todos os casos – a concordância verbal quando usam o *tu*. Entretanto, serão necessárias, futuramente, novas pesquisas que atestem com mais propriedade, metodologia e clareza a questão da concordância em Florianópolis. Assim, será possível recuperar a discussão de se a Ilha da Magia se mantém ou não na categoria subsistemática proposta por Scherre *et al.* (2015).

A pesquisa, portanto, contribuiu para uma maior elucidação de como se encontra o quadro pronominal de segunda pessoa do singular em Florianópolis a partir do estudo em tempo real da variação dos pronomes *tu* e *você*, ampliando o estudo-piloto realizado em Venezio (2025), em que se havia analisado a mesma variação pronominal a partir dos dados de apenas duas entrevistas da nova amostra de 2025. Apesar do êxito do nosso trabalho em conseguir coletar, analisar e discutir os dados, reconhecemos que a pesquisa precisa ser complementada posteriormente, em especial a partir do momento em que a nova amostra já estiver plenamente constituída. Assim, deixamos como sugestão que se resgate futuramente a discussão feita aqui quanto à variação pronominal em Florianópolis.

## 6. REFERÊNCIAS

- CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. Editora Parábola, 2023.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *In: Revista de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.
- COELHO *et al.* **O pronome tu na fala do manezinho na Costa da Lagoa: uso e avaliação, a sair**.
- COELHO *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. Editora Contexto, 2015.
- COELHO *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE, 2012.
- COELHO, I. L. **A trajetória de mudança dos pronomes tu e você em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880- 1990)**. LaborHistórico., v.5, p. 130 - 161, 2019.
- FARACO, C. A. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- FREITAG, R. M. K. **Marcadores discursivos não são vícios de linguagem!**. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 4, 2013.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.
- KNIES, C. B.; COSTA, I. B.. **Manual do Usuário: Banco de Dados Linguísticos do VARSUL**. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Finep; FAPEU. Rio Grande do Sul, 1996.
- LABOV, W. [1972]. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de Marcos Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Cambridge: B.Blackwell, 1994.
- LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. Language variation and change**, Cambridge, v.2, n.2, 1990.
- LOREGIAN-PENKAL, L; MENON, O. P. S. **Você, Ocê (?) e Cê em Curitiba, Paraná**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p. 223-243, jun. 2012
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2004.
- LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1996.

MANTIRI, F. L. **O uso dos pronomes tu e você com interpretação genérica e específica no meio digital.** Universidade de Brasília (UnB): Brasília, 2015.

MENON, O.; LOREGIAN-PENKAL L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e mudança no português falado da região sul.** Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Estudo da mudança linguística em tempo real: ampliação do banco de dados de fala do Projeto Varsul.** Projeto contemplado com recurso do Edital Universal, Chamada CNPq/MCTI 10/2003. Processo 406239/2023-1, 2024.

MOSIMANN, J. C. **Catarinenses: Gênese e história.** Florianópolis: Edição do autor, 2010.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: **Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação.** Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2003.

NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. **A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século.** Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: **Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação.** Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2003.

RAMOS, M. J. N. S.; LIMA, Y. D. R. **O uso dos pronomes tu e você de caráter específico e genérico em conversas no meio digital.** Revista Ao Pé da Letra, Rio de Janeiro, v. 15, n.2, p. 3-4, 2013.

RUMEU, M. C. B. **'tu' ou 'você', 'te' ou 'lhe'?: a correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa.** Linguística, Belo Horizonte, Vol. 31-2, p. 83-109, 2015.

RUMEU, M. C. B. **A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista:** reflexões sobre a categoria social gênero. Revista Alfa, São Paulo, Vol. 57-2, p. 545-576, 2013.

SANTOS, V. M. **Tu vai para onde?... Você vai para onde?:** manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P. A.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes Você e Tu. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 133-172.

SILVA, G M. O. Coleta de Dados. In: **Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação.** Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2003.

VENEZIO, R. F. **Estudo da mudança linguística em tempo real: ampliação do banco de dados de fala florianopolitano do Projeto VARSUL**. Relatório de Iniciação Científica (Graduação em Letras - Português) - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In: Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLI, G. N. **Por que “tu” e não “você”?**. UNESC: Criciúma, 2009

## **ANEXOS**

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Projeto VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil**

Projeto de Pesquisa

*Estudo da mudança linguística em tempo real: ampliação do Banco de Dados de Fala do  
Projeto VARSUL*

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como entrevistado(a), da pesquisa Estudo da mudança linguística em tempo real: ampliação do Banco de Dados de Fala do Projeto VARSUL que tem como principal objetivo a ampliação da Amostra Base VARSUL das capitais da Região Sul do país – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – constituída nos anos 1990 do século XX, com o intuito de realizar estudos de mudança em tempo real.

As principais contribuições científicas e tecnológicas deste projeto de pesquisa que considera, sobretudo, a fala de comunidades urbanas, podem ser organizadas em duas grandes frentes: uma relacionada à ampliação da amostra do banco de dados VARSUL, seguida de armazenamento, transcrição e disponibilização das entrevistas, e outra relacionada à descrição e análise de fenômenos linguísticos em variação e/ou mudança, com base em estudos de painel e de tendência. Além da produção de conhecimento científico, ressaltamos a contribuição social deste projeto na formação de novos pesquisadores na área de Linguística, dando continuidade ao trabalho realizado pelo Projeto VARSUL nos últimos trinta anos.

Durante a realização da entrevista você pode sentir algum desconforto como cansaço, assim como a gravação em áudio pode provocar, em certa medida, algum constrangimento. Nesse sentido, comprometemo-nos a procurar os encaminhamentos e as soluções que se fizerem necessários para minimizar os desconfortos, caso venham a ocorrer. Caso você necessite ou queira suspender a sua participação em qualquer fase da pesquisa, poderá fazê-lo sem ter que apresentar justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo.

O acesso aos dados será restrito aos pesquisadores da área e nos comprometemos a manter sigilo e privacidade de todos os participantes. Quando da transcrição de falas serão usados códigos para não identificar os participantes, assim como haverá anonimização, nos áudios, de qualquer dado que possa identificá-los. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com os pesquisadores responsáveis. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, assim como não será disponibilizada nenhuma compensação financeira pela sua participação na pesquisa, conforme prevê a legislação brasileira. Caso venha a ocorrer alguma despesa extraordinária associada à pesquisa, você será ressarcido nos termos da lei. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente.

A pesquisadora, que também assina esse documento, declara que conhece e cumprirá os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei No 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa.

Caso seja necessário, você poderá entrar em contato com a professora/pesquisadora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott pelo e-mail [isabelmonguilhott@gmail.com](mailto:isabelmonguilhott@gmail.com) ou pessoalmente no Projeto Varsul, situado na sala 409, 4º andar do prédio B/CCE, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094; e-mail [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br) ou pessoalmente na rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Prédio Reitoria II, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC. Vale ressaltar que o CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (cf. site <https://cep.ufsc.br>).

Agradecemos por sua colaboração e interesse em nossa pesquisa. Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li este documento e obtive das(dos)

pesquisadoras(es) todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade a participar da pesquisa Estudo da mudança linguística em tempo real: ampliação do Banco de Dados de Fala do Projeto VARSUL. Ciente de todos os procedimentos que envolvem a referida pesquisa, concordo em participar da mesma.

\_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_.

Nome do(a) pesquisador(a) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável: \_\_\_\_\_

Nome do(a) participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

## Anexo 2 – Ficha social

**Ficha do Informante (aplicada previamente)****Informações prévias...**

Deve-se considerar na seleção dos informantes que (i) ele tenha nascido e residido no bairro/arredores da cidade de Florianópolis até os 14 anos de idade; (ii) após os 14 anos ele pode ter residido fora da localidade até 2 anos; (iii) seja filho de pais nativos do bairro/arredores; (iv) idade e (v) escolaridade, segundo as células estabelecidas.

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Idade: \_\_\_\_\_

3- Sexo/Gênero: \_\_\_\_\_

4- Estado Civil: \_\_\_\_\_

5-Telefone (WhatsApp): \_\_\_\_\_

6-E-mail \_\_\_\_\_

7-Endereço: \_\_\_\_\_

8- Tens até que ano de escolaridade? \_\_\_\_\_

9- Qual o grau de escolaridade das pessoas que efetivamente moram contigo?

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

Irmãos \_\_\_\_\_

Outros (especificar) \_\_\_\_\_

10- Qual a tua profissão? \_\_\_\_\_

11- Com que tu trabalhas? \_\_\_\_\_

11- Qual o local/bairro que tu trabalhas? \_\_\_\_\_

12- Tu gostas do que fazes ou gostarias de ter outro trabalho? \_\_\_\_\_

13- Qual a ocupação (e a profissão) das pessoas que moram contigo?

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

Irmãos \_\_\_\_\_

Outros (especificar) \_\_\_\_\_

14- A maioria da tua família mora em *Florianópolis*? \_\_\_\_\_

15- Tu costumavas participar de reuniões familiares? \_\_\_\_\_

16- Com que frequência? \_\_\_\_\_

17- Se casado(a), qual a naturalidade do cônjuge? \_\_\_\_\_

18- O que tu costumavas fazer nas horas vagas? \_\_\_\_\_

*Entrevista realizada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025*

*Entrevistador(a)* \_\_\_\_\_

## Anexo 3 – Roteiro de entrevista

**AMPLIAÇÃO DO BANCO DE DADOS DE FALA DO PROJETO VARSUL****Roteiro para entrevista sociolinguística****Perguntas de checagem a serem anotadas nas fichas sociais**

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Em que bairro, cidade e estado você nasceu?
4. Qual a sua etnia? Parte de pai? Parte de mãe?
5. Onde você mora atualmente? (endereço/telefone/e-mail)
6. Quais os nomes dos seus pais?
7. Em que bairro, cidade e estado eles nasceram? Onde eles vivem?
8. Qual o nível de escolaridade deles?
9. Quais as profissões deles?
10. Com quem você mora? Com quem convive diariamente? De onde essas pessoas são?
11. Você trabalha ou estuda? Com o que especificamente?

**Sugestão de perguntas a serem realizadas ao longo da entrevista (adaptar a depender do perfil e dos interesses do informante)****Moradia**

12. Como foi sua infância onde você mora (ou morou)? Mudou muito em relação aos dias de hoje?
13. Sempre morou nesse lugar? Se não, há quanto tempo mora aqui?
14. Você gosta de morar aqui? O que mais gosta? Mudaria alguma coisa por aqui?
15. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar? Qual? Por quê?
16. Quais e como foram as viagens mais marcantes que já fez?
17. Tem alguma viagem que você sonha em fazer? Qual? Por quê?

**Lazer**

18. O que você gosta de fazer nas horas vagas? Quais lugares você costuma frequentar?
19. Você costuma frequentar cinema, museu, teatro?
20. Gosta de ler livros? Tem algum favorito? Alguém na sua família gosta de ler?
21. Você gosta de ouvir música? Que ritmo? Gosta de dançar? Toca algum instrumento musical?
22. Você faz atividade física? De que tipo?
23. Participa das redes sociais? Elas contribuem com a sua vida social? Costuma ler algo na internet? Em quais sites?
24. Assiste TV? Streaming? Tem programas, filmes ou séries favoritos?
25. Você gosta de cozinhar? Conhece alguma receita de família ou típica do seu lugar? Poderia me passar uma receita de algo que você goste de comer?

**Educação**

26. Como foi a sua época de escola? Teve dificuldade para estudar?
27. Você acha que a educação pública deve ser assegurada pelo governo? Por quê?
28. A educação pública melhorou ou piorou nos últimos anos? Por quê?

29. Você acha que a política de cotas para ingresso de negros/as na universidade e em concursos públicos diminui a desigualdade entre brancos e negros? Por quê? Acha que deveriam inserir cotas para indígenas e imigrantes estrangeiros?

### **Segurança pública**

30. O bairro em que você mora é violento?  
31. A segurança pública no seu bairro/cidade/estado tem conseguido proteger a população?

### **Políticas de igualdade de gênero**

32. Você acha que a mulher mudou sua condição ao longo dos últimos anos? Há mais conquistas?  
33. Como você vê as pessoas da comunidade LGBTQIAP+, gays e lésbicas, por exemplo? Conhece pessoas famosas dessa comunidade? Concorda que tenham direitos garantidos?

### **Saúde pública**

34. Já teve algum problema de saúde? Qual?  
35. Já teve alguma doença grave? Passou por risco de morte? Perdeu alguém na família ou algum(a) amigo(a)? Como foi e o que você sentiu?  
36. A saúde pública é um direito que deve ser assegurado pelo governo?  
37. Você usa serviços de saúde pública? Acha que funcionam?  
38. No bairro em que você mora há unidade de saúde da família?

### **Teste de percepção linguística (obrigatório para todas as entrevistas)**

#### **Para finalizar, gostaria que você respondesse algumas questões.**

39. Você se sente influenciado pelo jeito de falar de outras pessoas? Percebe quando isso ocorre?  
40. Aqui na sua cidade, o que você acha mais típico no modo de falar das pessoas? Quais as expressões mais comuns? Você seria capaz de imitar (caracterizar) essa fala?  
41. Você acredita que, estando em outro lugar ou em contato com pessoas de outro lugar, você seria identificado (em sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?  
42. Você acha que as pessoas que moram na capital falam diferente das que moram no interior? Como?  
43. O que mais chama sua atenção quando as pessoas estão falando?  
44. Falar **doj**, **trej** é comum onde você mora? Ou é mais comum **dois**, **treis** ou **três**?  
45. O que você acha desse jeito de falar?  
46. Falar **pranta**; **broco**; **praneta** e **franela** é comum onde você mora?  
47. Você acha que esse jeito de falar é típico de alguma localidade?  
48. Você acha que esse modo de falar tem alguma relação com a escolarização da pessoa?  
49. Você acha que **tu e você** têm o mesmo significado?  
50. Você usa essas palavras nas mesmas situações ou acha que usa mais **tu** ou mais **você** quando conversa com pessoas diferentes?  
51. Prefere **tu vai** ou **tu vais**? **Tu foi** ou **tu foste** ou **tu fosse**? Por quê?  
52. Quando você está falando sobre você junto a mais alguém você fala mais **nós** ou fala mais **a gente**? Por quê?  
53. Você acha que é melhor usar mais **nós** ou **a gente**?  
54. O que você acha de construções como “**nós comemu**”, “**a gente vamu**”, “**nós vai**”?

55. Você acha que essas formas determinam de onde o falante é? (região do país, Estado)
56. Você acha que a escolarização tem relação com a escolha de uma dessas formas?
57. O que você acha de exemplos como: **as menina** ou **os avião**?
58. Você acha que usa essas formas?
59. Acha que tem alguma relação com a escolaridade de quem usa?